10 MARÇO 1956

Careta

TRES CRUZEIROS EM TODO O BRASIL

NÚMERO 2489 ANO XLVIII

PROTEJA SUA CÚTIS!

Antisardina é o crême ideal para sua cútis Renova as células gastas, protege as células novas restituindo à péle cansada ou prematuramente envelhecida, sua normal elasticidade Cientificamente preparado com ingredientes rigorosamente selecionados, o crême de beleza Antisardina extingue sardas, manchas, espinhas e rugas.

Antisardina

INDÚSTRIAS ANTISARDINA LTDA. CURITIBA RUA ANGELO SAMPAIO PARANÁ BRASIL

JORGE SCHMIDT
Fundador

Careta

ROBERTO SCHMIDT
Diretor responsável

GERÊNCIA
REDAÇÃO E OFICINAS
RUA FREI CANECA, 383
END. TEL. KOSMOS
Rio de Janeiro
TELEFÔNIO 32-3721

Êste número contém 44 páginas

LOOPING the LOOP

O RETÔRNO AOS QUADROS CONSTITUCIONAIS VIGENTES...

A mediocridade que vai pela alta administração dêste país é de causar assombro! A pobreza de espírito de nossos homens públicos é total e irremediável. Atentem nos discursos dos nossos governantes e vejam quanta banalidade, quanto lugar comum, quanta repetição êles contêm.

Nas menores coisas, nas mais elementares atitudes dêsses indivíduos, pode perceber-se as marcas da sua indigência intelectual..

Quando um político não conseguiu aprender a falar e escrever com relativo acêrto seu próprio idioma, dificilmente deixará de ser uma bêsta chapada, porque a primeira coisa que o indivíduo inteligente trata de aprender é expressar-se com clareza, em bom estilo e em bom vernáculo.

Não admira que tal coisa suceda, entretanto, porquanto tal seleção negativa é feita de caso pensado. O Brasil caiu nas garras de um grupo de "gangsters" que domina o P.S.D., o P.T.B. e o P.S.P. São os dirigentes dêsses três antros que põem e dispõem do país, mercê de lei eleitoral bandalha, a cuja modificação, no sentido de sua moralização, êles se opõem, como ficou evidenciado em meados de 1955, ao votarem contra a reforma sugerida pelo Supremo Tribunal Eleitoral. A êsses indivíduos não lhes convêm na chefia da nação homens inteligentes, cultos, patriotas e honrados. Do que necessitam é precisamente o contrário.

Quem são êsses indivíduos? perguntarão os leitores. São aqueles que devem bilhões ao Banco do Brasil, ao da Prefeitura, às Caixas Econômicas etc. São também aqueles que recebem polpudas subvenções do S.E.S.I., do S.E.S.C. e de diversas autarquias. São igualmente os beneficiários do contrabando de automóveis, geladeiras, rádio, televisão, tecidos, máquinas etc. São os filhotes de suas excelências, os quais, mal saídos das Universidades, são imediatamente presenteados com cargos públicos de trinta mil e mais cruzeiros mensais. São ainda as têmeas daqueles salafrários, quase tôdas encostadas às repartições públicas, por modo o Estado pagar-lhes o que competia aos amantes etc. etc.

Ora, em conseqüência disso, quem quiser ficar edificado vá assistir aos debates nas duas casas do parlamento, que de tão ordinário perdeu direito a maiúscula; leia um despacho ministerial ou peça audiência a suas excelências e anote as asneiras e os solecismos.

A respeito de despacho ministerial vamos contar, a seguir, o que nos disseram haver ocorrido recentemente em um dos nossos ministérios:

O diretor entrou furioso na seção.

— Qual foi a bêsta que fêz êste ofício?

Os funcionários acudiram pressurosos em tôrno do papel.

— Foi seu fulano!

— O' seu fulano!

O oficial ergueu a cabeça do fundo da papelada.

— Presente! Que é que há?

— O sr. vai ser suspenso.

— Eu?

— O sr. mesmo.

— E por que?

— Veja isto! Veja que porcaria! Aqui neste ofício escreveu o sr. CIDADÃO quando é CIDADÃOS. O Ministro está uma fera e disse que a repartição era composta de analfabetos.

— Mas veja o sr. bem. Trata-se de cópia; copiei textualmente o ofício.

(Continúa na página 13)

Sábios cochilos

R. F. — Você já notou que êles preferem chance'eres maiores de 70 ?!

M. S. — E' que nós, enquanto cochilamos, não fazemos besteira...

AS MAIS CURIOSAS NOTÍCIAS

Lewiston — Dirigindo pela última vez sua locomotiva, após cinquenta e oito anos dê bons e leais serviços, Frank E. Hollis, que jamais tivera um acidente, deu uma trombada num carro pouco depois de ter deixado a gare de Lewiston e pegou outro carro, em Dixfield, deixando-o em mísero estado. Chegou finalmente à estação terminal de Rumford com quatro horas de atrazo...

GRIPES ? TOSSES ? BRONQUITES ? ASMA ? COQUELUCHE ?
XAROPE PEITORAL PAULISTA
De grande eficiência nas moléstias do aparelho respiratório
Produto do Lab. Farmacêutico das
INDUSTRIAS REUNIDAS DE JOSÉ STEFANINI
Av. Londres 416 — Bonfucesso — Fone 1º 5540

A Linda

Para o ano de 1956, tinham os monegascos a mesma aspiração de seu soberano: desejavam ardentemente uma princesa. Antes do romance com Grace Kelly, o príncipe partiu para o Texas em companhia do seu ex-capelão, padre Tucker. O ilustre solteirão teria ido procurar na América a sua princesa adormecida ?

Logo ao chegar, Sua Alteza Serenissima demorou-se em visitas aos zoos, notadamente o de Bronx, em vez de procurar logo os salões ou a companhia da loura e sedutora Grace Kelly. Mas essa indiferença era apenas aparente. O príncipe concedeu, a seguir, entrevista à imprensa americana, indicando exatamente a mulher dos seus sonhos. Ei-la com tôdas as minúcias poéticas:

— Imagino-a — declarou — com longos cabelos da côr das folhas, no Outono, flutuando ao vento. Seus grandes olhos são azuis ou violetas, pontilhados de ouro. Pratica todos os esportes, sem, todavia, ser campeã em nenhum. E' inteligente sem pretensões a intelectual. Em suma, é mulher comum o que desejo. Contudo, essa mulher deve ser capaz de me inspirar o sentimento extraordinário de que é minha e sòmente minha.

Esta delicada definição da princesa ideal fêz palpitar o coração de milhares de candidatas, pois o "príncipe encantado" aparecia-lhes na figura simpática e viril de Renier III, Duque de Velentinois, Marquês des Baux, Conde de Calardez, Barão de Buis, Senhor de Saint-Rémy, sire de Matignon, Marquês de Chilly e de Guiscard, Duque de Mazarin, príncipe de Château-Porcieu...

O príncipe não se tornou simpático apenas às mulheres mas a tôda a população americana. Também o capelão, padre Tucker, não se esforçava para despertar o interêsse geral por onde passava.

Princesa de Iowa é Preferível...

O soberano de Mônaco foi logo recebido pelo presidente Eisenhower, após ter sido hóspede de honra da 36.ª Divisão de Infantaria, junto à qual foi oficial de ligação durante a guerra.

Seu companheiro, padre Tucker, sacerdote católico e americano de nascimento, é igualmente pessoa simpática, Conta atualmente sessenta e seis anos de idade — trinta anos mais do que o príncipe — e exerceu durante cinco anos seu sacerdócio em Mônaco, onde Renier III lhe ouvia os conselhos, ditados por seu sorridente bom senso.

Certo dia — levado pela amizade desinteressada que lhe dedicava o padre — convidou-o a conhecer a linda Gisèle Pascal, então a senhora dos seus pensamentos. Todos três passaram uma tarde maravilhosa na vila da atriz na Côte.

Ao voltar a Monte-Carlo, o príncipe fêz ao eclesiástico a pergunta que lhe queimava os lábios:

— Que pensa de Gisèle, padre?

— Penso que é muito atraente — respondeu Tucker — cheia de qualidade e de encanto.

E, sem sorrir, o padre acrescentou em tom pensativo:

Pessoalmente, tentaria obter uma oportunidade!

— Que? Que foi que disse? Santo Deus, o senhor esquece que é padre!

— *Well!* — Respondeu Tucker — Vossa Alteza também esquece-se de que é príncipe. Logo, estamos em igualdade de condições.

Renier não respondeu.

O padre Tucker sabia que o celibato de seu ilustre paroquiano não se podia eternizar. Desejou pois, de todo coração, celebrar êsse matrimônio. Deus faça — implorou êle — que a escolhida seja americana! Não que desprezasse as qualidades das francesas ou das outras européias, mas, simplesmente, porque pensou que com uma sobrinha de Tio Sam a perenidade do reino de seu protegido estaria melhor assegurada.

O padre não ignorava que se o príncipe desaparecesse sem descendentes, Mônaco perderia sua preciosa independência para se tornar — segundo os termos do tratado de 1918 — simples protetorado francês. Conhecendo bem os monegascos, não desejava para êles essa eventualidade. Presumiu — e tinha suas razões — que êles preferiam linda princesa do Iowa às taxas e impostos da exigente Marianne IV.

UM HOMEM CAPAZ DE TUDO

Cada um de nós tem na roda de seus conhecidos um fulano ou um sicrano que se distingue dos demais pela sua capacidade de fazer tudo e de meter a cara por tôda parte.

Dos meus amigos o homem capaz de tudo é o J. Goulart, chefe da orquestra de um cabaré noturno e funcionário da agricultura das onze às quatro.

E' o homem de tôdas as coragens, de tôdas as audácias, de tôdas as emprêsas arriscadas e até mesmo de todos os absurdos e violências.

Já o vimos certa vez dançar de cuecas, num salão de chá de caridade, sob pretexto de fazer quadros vivos. De outra feita fêz parar um trem na serra, deitando-se no meio dos trilhos, e ainda certo dia apareceu com um repôlho na mão envolvido num feixe de capim, em plena Avenida, dizendo que eram hortênsias de Petrópolis.

A melhor de J. Goulart foi interromper uma missa de defunto fingindo ataque histérico e quebrando a cabeça do sacristão com uma vela de cêra de dois metros por dez centímetros de diâmetro.

Fora outras coisas que não se descrevem nem se contam.

Pois bem! Um dia dêstes, passávamos com êle de automóvel pelo Catete quando me lembrei de tirar prova do quanto êle era capaz.

— És homem?

— Se sou!

— Pois dá um viva ao Jango Goulart agora!

O herói desmaiou...

Agora Sim!

ÁGUA COLGATE

para depois de barbear

PERFUMA
REFRESCA
TONIFICA

Use também CREME DE BARBEAR COLGATE

Relatório e Contas do Pecado Original

O CRIADOR, talvez por não ter então conhecimento das vantagens sociais da "Semana Inglêsa", só descansou ao sétimo dia, a contar da manhã de tôdas as manhãs. Ao sexto dia, enquanto o Pai dos Homens dormia a sesta sôbre a relva fragrante do Jardim das Delícias, arrancou-lhe Jeová uma costela torta e fêz Eva, a Primeira, a das ancas fecundas e dos caprichos insondáveis. Foi a primeira vez que o homem cochilou na vida e caro pagou o descuido imperdoável. Eva apareceu no Paraiso com a mesma função de certos tios, nas comédias em três atos: Complicar os enredos...

Sabe-se que Eva, enquanto esperava com paciência que o Pai dos Homens desse a dentadinha pecaminosa na maçã edênica, fêz um Relatório das suas impressões. São dêsse Relatório as páginas que, a seguir, transcrevemos com fidelidade digna de um "bull-dog".

RELATÓRIO DE EVA

Domingo — Tenho apenas um dia de idade e ainda só o vi uma vez. Que bicho esquisito é o homem! Se cathar, aquelas barbas compridas são para impôr respeito à gente. Ainda hoje disse à mulher do orangotango: "Olhe, minha amiga, posso morrer solteira, mas homem como aquele nem dourado o queria!" Há lá alguma coisa que pague a nossa liberdade?!

Todo êsse mundo me parece feito muito à pressa; umas montanhas mais altas do que outras; árvores altas com frutos pequenos, arvores baixas com frutos enormes, sol que desaparece quando faz mais falta quero dizer, quando está tudo às escuras, ha mesmo como que tristeza neste ceu de algodão em rama todo furado de estrelas.

Hoje comi frutos bagas e raizes. Escutei cantos de passaros, espreguicei-me na frescura das relvas e detive-me a contemplar a paisagem loura e ondulante das espigas que amadurecem. A agricultura no Paraiso está muito desenvolvida, devido à campanha do trigo que Jeová organizou para êste ano.

Pressinto que sou uma experiência e desgosta-me esta idéia de ser cobaia do Criador. Mas, como sou bonita, tenho fé. Porque eu sou bonita! Mirei-me num regato e achei que não sou nenhum bofe. Tenho talvez um pouco de pêlo em excesso, mas, em compensação, não trago no ventre a dedada feia da imperfeição que se chamará umbigo, coisa que Adão também não deve ter. As mãos divinas não deixam costura.

Pois o tal senhor bicho homem saiu-me um bom toleirão, que eu, cá por mim, não lhe ligo nenhuma, isto é só por falar.

Segunda-feira — Hoje tornou a passar por mim, sem quase me olhar. Resmungou qualquer coisa e pôs-se em cima de uma árvore, a dar gritos à Tarzan. Depois começou a conversar com uma pêga. Não é porque queira saber dêle para nada, mas parece mal! Estupido, que nem sequer faz a barba, como se no Paraiso não houvesse ninguém de cerimónia!

Passei a tarde a semear, à volta da minha caverna, um canteirozinho com flôres a que eu própria pus o nome de malmequeres, rosas, olaias e outros vegetais que, de colaboração com as andorinhas, servem para ilustrar os bilhetes de bôas-festas do Natal. Uma coruja velha, que me faz recados, disse-me que o homem, quando olhou meu canteiro, resmoneou, muito malcriadão:

— Pieguices! Era melhor que plantasse abóboras!

Oh, a inferioridade dos animais que nasceram predestinados a comer pevides!

Sexta-feira — Gosto das côres. O azul do céu, o verde da ramaria, o dourado do sol, o violeta de certos crepúsculos perto do mar, o brilho das estrelas nas noites muito calmas entontecem-me estranhamente.

Gostava de ser dona de algumas côres assim, mas não consigo; ainda ontem estive a atirar pedras a uma estrela para a prender nos meus cabelos e não lhe acertei. Talvez por ser canhota!

Gosto tanto das côres! E Adão tem os olhos azuis... E' um brutinho êsse tal sujeito. Cada vez simpatizo menos com êle!

Sábado — Faço hoje uma semana e nem um simples postal de parabéns recebi, como se o fato não fôsse de considerável importância para o futuro da Humanidade. Ainda não vi o bicho-homem e não tenho saudades. Não quero saber dêle. Nem olha para mim. Eu percebo. O paterma não quer que, depois, digam mal dêle na Biblia. Há-de ganhar muito com isso!

Sábado seguinte — A coruja disse-me que Adão recolheu ontem à caverna com uma grande cegonha

Descaradão! Vejam lá se isto são têrmos de um homem que quer ser o rei dos animais!

Logo de manhãzinha, fui me sentar num caminho por onde êle devia passar, quando fôsse para a floresta, a caça do mamute. Passou, viu-me, e disse com uma voz que me pareceu terna:

— Bom dia, moça.

— Bom dia, Adão! — Respondi muito contente.

Sorriu, saltou por cima das minhas pernas que intencionalmente lhe embaraçavam o caminho e volveu:

— Pois sim, filha, o que tu queres é conversa! Mas para cá vens de carrinho!

E sem me ligar nenhuma importância, deu meia volta e começou a perseguir um rangífer.

Fiquei tão danada que comecei a bater com duas pedras uma na outra — e descobri o fogo!

Quero lá saber dêle para nada!

Domingo — Estou pálida, voltei a mirar-me nas águas claras dum regato. Dei um passeio de tartaruga e vim cansada; servi uns frutos frescos a que ainda não pus nome, porque ando sem paciência para nada e adormeci a afagar um emaranhado de musgos, enquanto pensava nos cabelos crespos de Adão. Acordei com grande ataque de ternura que eu gostaria de materializar a pregar botões em camisas, a tirar nódoas com benzina, a passajar calças, a fazer economia no gás...

Por que pensei eu em tudo isto? Porque sou parva, é o que é! Eu não quero saber dêle para nada!

Segunda-feira — que irá Adão fazer todos os dias à floresta? E' capaz de ter lá alguma ursa! Estou descontente de que, qualquer dia, arme escândalo no Paraíso. Lá vai o macacão que, sempre que me vê pisca o ôlho! Indecente!

O que vale é não ter ninguém que me dê ouvidos.

Quinta-feira — Acordei bem disposta. Disse-me a coruja que minha descoberta do fogo foi muito útil a Adão.

Tenho tanta vontade de conversar um bocadinho que é uma pena êle ter a mania de, quando não vai à floresta, ficar na caverna a tocar bandolim...

Sexta-feira — Que coisa engraçada a que hoje descobri! Chorar! Não custa nada. Logo que quero, começo a deitar água pelos olhos! Que fará Adão quando me vir chorar?

Sexta-feira seguinte — Ando há uma semana atrás dêle, mas sou eu sempre quem fala. Êle diz que não quer que eu me aproxime da Arvore do Mal.

Diz que daí não se arranca nada!

E eu que gostava tanto de provar maçãs!

Amanhã quero aparecer-lhe bonita. Ponho na cabeça umas penas de caratua e estreio o meu casaco de pele de rinoceronte, que é agora a moda no Paraíso. Talvez até chore.

Domingo — Estive esta noite a pensar num truque que vai dar resultado, com certeza. Colho umas maçãs da Arvore e invento uma patranha para contar ao Adão. Digo, por exemplo, que tive uma conversa com uma serpente. A serpente tem todo o aspeto de bicho que nunca chegará a falar e, pronto, nunca poderá pôr esta questão em pratos limpos. Até tem graça ficarem julgando que fui vítima duma tentação.

Para todo o sempre, a serpente fica na história a pior das tentações. Eu, a mulher desconhecida, tudo a gente que vão fazer a sua parvoíce também.

MUITO TEMPO DEPOIS

Domingo — Êle trincou a maçã! Estou radiante!

Dizem por aí que engasgou-se com o caroço, mas não pode ser verdade. Tôda a gente sabe que as maçãs não têm caroço.

O meu "Relatório e Contas" do Pecado Original acaba aqui. Ou melhor, aqui se acaba o "Relatório", porque as "Contas", essas nunca mais acabam, — e é êle quem as paga enquanto a vida fôr vida!

Paraíso, no primeiro ano do Amor

(a) **EVA**

———::———

AMOR E FORMOSURA

O amor nasce de repente, sem se pensar, é o resultado do temperamento ou da franqueza; certa graça ou beleza atrai-nos e determina-nos. A amizade, pelo contrário, forma-se gradualmente com o tempo e continuidade de relações íntimas. Quantos anos de afeição, dedicação e serviços são necessários para conseguir o que a formosura, muitas vêzes, realiza num momento!

La Bruyère

O último furo

— O ministro da Fazenda pede ao povo que aperte o cinto !
— Aperte mais o cinto ?!! Cadê buraco ?!

SE TE AMAM, TOMA CUIDADO...

Um teatro do centro de Paris anunciou a repesentação de "Carmen". No último momento, porém, o tenor que devia representar o papel de don José saiu tão desastradamente nos bastidores, que quebrou a perna direita. O empresário teve sorte ao descobrir um artista espanhol em condições de substituir o ferido e, depois de rápido ensaio, realizou-se o espetáculo.

Tudo foi bem durante os dois primeiros atos: Mlle. Jenny Luc, a cantora, revelou-se bela e volutuosa Carmen e o cantou mostrou o entusiasmo que imprimem à personagem que representam os fogosos súditos de Franco. Êsse entusiasmo, entretanto, ocasionou pequeno drama: no terceiro ato, quando don José segurou Carmen para levá-la ao proscênio, Garcia, o tenor de Além Pirineus, o fêz tão violentamente, que Mlle. Luc, tomada de medo, afastou-se dêle.

— Toma cuidado contigo ! — disse-lhe enèrgicamente D. José e, precipitando-se segunda vez sôbre Camen, levou-a à fôrça ao proscênio... enquanto a cantora quase gritava:

— Bruto... Três vêzes bruto !

O ato teminou mais ou menos... Isto é, mais mal do que bem, pois logo que desceu o pano, a francesa verberou severamente a violência do espanhól, o qual respondeu que era preciso dar bem a impressão da sua paixão arrebatadora e, além disso... o amor jamais... jamais conheceu lei...

Mlle. Jenny Luc terminou a discussão, esbofeteando o parceiro, que, sem galanteria, respondeu em dôbro, aplicando na atriz duas sonoras bofetadas, esquecendo-se da sabedoria popular: na mulher não se bate nem com uma flôr...

Os artistas tornaram-se inimigos irreconciliáveis e foram terminar sua querela nas barras do tribunal...

: ✧ :

UMA CONDIÇÃO ELEGANTE

Diz Sigino que não está em êrro a mulher que sacrifica tudo por um vestido novo.

Eu achei absurda essa idéia:

— Pois não lhe parece insensato deixar os filhos de pés no chão para comprar um vestido de sêda ?

— Não acho. E' sacrifício necessário. Ninguém olha para uma criança mas todo mundo grela para uma mulher. Haverá ainda neste mundo algum idiota que olhe para as crianças ? Quando se agrada um fedelho é para agradar a mãe...

— Ou para adular o pai...

— Ou para isso, mas quando o pai está bem vestido e parece ter fortuna ou posição. A mulher sabe bem que ser elegante é a condição necessária para arranjar admiradores, que é do meio dêsses admiradores que sairá aquêle capaz de se sacrificar por ela, e sabe ainda que a elegância é mais acessível à paspalhice masculina do que a beleza. Elegância é coisa exterior, fica de fora, vê-se, julga-se, critica-se, ao passo que a beleza é duvidosa, está escondida e só olhar experimen-

tado pode descobrí-la através das roupas.

— Mas a cara ?

— Que cara ? A mulher só tem cara para ver, ouvir e comer, ela sabe que a cara mais bonita em cima de um vestido à tôa não vale quatro patacos.

— De sorte que...

— De sorte que a elegância é condição de vida ou morte para qualquer mulher; o resto é secundário.

— Mas a mulher pode ser elegante e não ter vestidos de sêda.

— Pode, mas nunca deixa de encontrar alguém que lhe arranje um pouco de sêda para enfeitar essa elegância.

— E pode ter sêdas e não ser elegante.

— Também. Mas é justamente o que eu digo: um vestido de sêda acima da elegância. E fará todo sacrifício possivel para arranjar uma e outra coisa.

—•—

A DIFERENÇA...

Famoso produtor de Hollywood convidou exatamente cem pessoas para uma lauta ceia. A originalidade da reunião não consistiu no número redondo de convidados mas, sim, na seleção dêles: nenhum pertencia ao mundo dos estúdios.

Notou-se, todavia, a presença da filha de Marlene Dietrich, encantadora na sua capa de lamé côr de ouro. Comovido com sua beleza, o governador do Texas, S. Knight aproximou-se e lhe disse:

— Sou velho admirador da Sra. sua mãe... Encontrei-a recentemente e devo confessar que ela permanece inacreditàvelmente jovem. Na realidade, é miraculoso. Se as visse juntas, pensaria certamente que eram irmãs..

— Sim — espondeu a filha de Marlene, com um sorriso indefinivel — Concorde, contudo, que existe uma pequena diferença de idade... Pelo menos nove meses !...

O CASAMENTO E' SEGURO DE VIDA

De acôrdo com o que acaba de divulgar o Instituto Nacional de Estatistica da França, a mortalidade dos solteirões com idade entre trinta e cinqüenta anos é duas vêzes mais elevada do que a dos homens casados da mesma idade.

Quanto às mulheres, observa-se o mesmo fenômeno, porém muito mais atenuado.

Até trinta e cinco anos, por exemplo, o homem casado tem possibilidade de viver mais seis anos do que o solteiro; aos cinqüenta e cinco, pode sobeviver mais ou menos três anos.

E' evidente que, trazendo ao conhecimento público essas preciosas informações, não se pensou em aumentar a clientela dos floristas, alfaiates, costureiras, restaurantes, capelões das igejas e agências matrimoniais, que são os primeiros beneficiários dessa espécie de prêmio de seguro de vida que é o matimônio, segundo afirmam as estatisticas francesas.

Ele ficou pasmado Vendo o belo penteado!

Pasme tambem, senhorita, todos os rapazes que vejam o seu penteado. Use ÓLEO DE LIMA, produto cientificamente preparado, sem goma nem gordura. ÓLEO DE LIMA amacia os cabelos sem empastar, facilitando o penteado.

ÓLEO DE LIMA

O Homem do Contrabaixo

E' MUITO possivel que alguém, alguma vez, já tenha perguntado:

— Por que diabo deixou a Humanidade que o homem inventasse o contrabaixo ?

Sem chegar a encontrar qualquer resposta satisfatória, é claro.

— ✧ —

O contrabaixo é, na minha vida, um pesadelo cheio de interrogações. O contrabaixo e aquêle que o toca. Sim, o homem que toca êsse violino para gigantes, ronceiro e rezingão, visìvelmente intratável, não se deixando manejar por homens incapazes de o segurar entre o ombro e o queixo.

Os contrabaixistas são pessoas sérias, sólidas, verdadeiros pais de família que não gostam nada de brincadeiras — isto sente-se a um quilômetro — e que se põem, de propósito, ao fundo do estrado das orquestras. São, entre os "cordas", os únicos que não têm o menor vínculo sentimental com a música que executam: limitam-se a tocar uma música sequestrada, de pés entrevados e de mãos nos bolsos, nunca enlanguescidos, nunca inspirados, nunca emocionados pela melodia. De pé, categóricos, o arco manejado como uma colher numa panela, distribuem com pontual indiferença colherada para aqui, colherada para ali, porque assim o quer o cozinheiro-chefe...

A tendência para o pomposo pode conduzir-nos ao estudo do trombone, assim como a fascinação exercida por um ruído guerreiro nos pode levar a aprender a tocar caixa. Mas nada saberia justificar uma mocidade dedicada ao contrabaixo.

E' na infância que se começa, geralmente, o estudo dum instrumento, quase sempre por vontade dos pais e sem um fim definido. A idéia de fazer da música profissão só vem depois. A princípio, os pais pensam sempre: "Êle será... (guarda-livros, por exemplo) e, nos intervalos das suas horas regulares de estudo, poderá suceder que os exames de contabilidade passem para segundo lugar. Tudo se pode, enfim, conceber, menos uns pais que, olhando a cabecinha loura do seu bebé, resolvessem:

— Vamos fazê-lo estudar contrabaixo...

E, de fato, nunca se começa a estudar contrabaixo antes dos dezoito anos. Dezoito anos ! A idade do primeiro amor, das primeiras fatuidades, dos cabelos ao vento, de um arzinho boêmio. A idade em que se conquista o direito a ter a chave da casa, como se conquistaria a dama dos nossos pensamentos. E, então, aos dezoito anos, quando não se sabe tocar nenhum instrumento, estuda-se um para fazer serenatas. E, assim, aprende-se bandolim para trinar canções em voga, ou viola para acompanhar a própria voz. Mas contrabaixo ?!...

Só conheci um contrabaixista amador, mas era o homem mais impenetrável que jamais encontrei na minha vida. Tinha o contrabaixo pendurado no quarto, como se fôra uma guitarra, não lhe faltando mesmo o belo laço de fitas amarelas e vermelhas. No escuro da noite, êste contrabaixo sôbre a parede branca parecia parado no ar por qualquer fenômeno terrível de levitação. Pois êste pobre homem era contrabaixista amador; mas o seu amadorismo limitara-se à aquisição do instrumento. Quando esta paixão lhe apareceu, era um homem de idade madura, solteirão voluntário. Contratou um professor de contrabaixo, para ir a casa na base de cem cruzeiros por hora. Nas noites de Verão, as cordas do instrumento rebentavam no escuro como balas de revólver. À tarde, a sua hora de contrabaixo era o pesadelo de tôda a vizinhança. Uma comissão de vizinhos fêz um abaixo-assinado a pedir-lhe para renunciar. Resignou-se e pendurou-o.

Como é impossível começar-se a aprender a tocar contrabaixo por prazer, só uma hipótese nos resta: Que se estude contrabaixo na idéia de fazer dêle ganha-pão. Só assim. E é então que começa a "via crucis" entre a casa e a aula com a enorme carcaça do instrumento. E' preciso andar por caminhos arredios e escolher as ruas de pouco trânsito, para o qual o instrumento pode ser um embaraço. E andar

DE CABEÇA EM CABEÇA CORRE A FAMA
DOS PRODUTOS DE BELEZA
Pindorama.
PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA
LOÇÃO PINDORAMA
LOÇÃO PINDORAMA suavemente perfumada devolve aos cabelos brancos a côr natural
PETRÓLEO QUINADO PINDORAMA
PRODUTOS DA MAIS ALTA CONFIANÇA
PRODUTOS PINDORAMA PERFUMARIAS S.A. Rua Primeiro de Março, 22 - 4º andar - Telefone 23-1144 - RIO

nas ruas a gritar: "Eh lá ! eh lá" para afastar as pessoas.

Isto não contando com o fato de o estudo do contrabaixo apresentar ainda outro inconveniente, o qual é o de ser incompatível com o que se chama sentimento. O violinista sempre pode dizer à sua amada: "Hoje toquei a pensar em ti !". Ora, estas frases são interditas ao contrabaixista.

— ✧ —

Em resumo, o homem que toca contrabaixo é um pessimista resignado. A música é a última coisa em que êle acredita. É-lhe destinado um papel auxiliar, sem mesmo ter as compensações sonoras que por vêzes são concedidas aos homens da caixa e do bombo. Como a grilheta de um galeriano, o músico do contrabaixo arrasta com os pés a sonoridade oca e surda do seu instrumento. Nunca se vê um sorriso no seu rosto nem a menor ilusão nem a menor esperança. Está ligado ao instrumento como Prometeu ao rochedo. Ligado pela vida, sem esperança de salvação. Como ao jugo de um casamento de interesse. O seu rosto é devastado pelos estigmas de uma velhice precoce. O seus casacos deformam-se como os dos pobres.

E' que êle sabe que toca sôbre um violino desmesurado, o violino de uma raça de gigantes que desapareceu da Terra.

Orio Vergani

SÔBRE OS GORILAS

Segundo diversos autores o gorila não ataca o homem. Procura até evitá-lo, mas, vendo-se acoado, toma resolutamente a ofensiva e é então adversário temível.

Começa erguendo-se inteiramente em duas patas, lança formidável rugido e se adianta com passo firme para o inimigo, dando golpes no próprio peito, com ambos os punhos.

Se a gente se retira, lentamente, antes que o furor do mono tenha alcançado o máximo, o animal cessa a ofensiva. Em compensação, para esperá-lo a pé firme, é necessário apontar-lhe no coração e disparar a arma a tempo, porque se o caçador erra o tiro, o gorila precipita-se sôbre êle e ninguém pode resistir ao seu ataque terrível. Com um só murro arreberta o peito ou a cabeça de um homem !

Têm-se visto indígenas, em tal situação, tentar fazer uso do fuzil descarregado, como de um cacete para conter o gorila, mas o braço cair-lhe inexorável, quebrados o fuzil e o corpo do infeliz. Não há nada de exagêro neste assunto, considerado o volume dos músculos do peito e os braços do animal, que ainda conta com a arma terrível dos dentes...

As mandíbulas e os caninos de um gorila não são menos formidáveis do que os de um tigre.

UMA LEGENDA

Fui outro dia visitar o Chico. Muita gente não sabe quem é o Chico. Êle mesmo não se conhece. Mas eu o conheço; eu sei que êle é o Chico.

Rapaz novo (não estranhem que haja "rapazes novos"; hoje há muito rapaz de idade). Chico é um artista.

Desenha. Pinta. Borda. Caricatura.

Êsse gôsto pela arte Chico deve-a a um caso de amor.

Apaixonou-se por uma pequena da vizinhança que pinta frutas e flôres, mas que não sabe fazer a cama em que dorme.

Chico, por emulação, deu-se ao desenho. E hoje é interessante caricaturista. A menina gosta dêle, por isso e por outra coisa que não se pode dizer.

Visitando o Chico encontrei-o atrapalhado com uma caricatura feita um pouco a esmo.

Era um casal, de um lado, em idílio, e outro casal, à direita, em atitude de briga e discórdia.

—Vês, disse Chico, não sei que legenda ponha neste desenho.

Eu me lembrei da pequena do Chico e tive uma idéia.

Escrevi por baixo:

"O amor é assim: começa no cafuné e acaba no bofetão !"

Chico gostou e guardou o desenho...

— ✧ —

FARMÁCIA SIMÕES — Rua Matoso 33 — RIO

DO REPERTÓRIO TURÍSTICO:

— Mas, êste país é verdadeiramente extraordinário!

— Em que, homem?

— Nas belezas naturais. Chega até a confraternizar com povos inimigos: vai você à Tijuca tem a Vista Chinêsa; vai a Petrópolis vê o Russo...

Descida

— Uai! Você faz umas paradas tão bruscas!...

Careta

O Direito

...

COM aplausos gerais da imprensa, a polícia há tempo deu em cima de uma firma que explorava a credulidade do próximo, vendendo amuletos e fetiches portadores de variadas virtudes. Não se tratava de coisas suscetíveis de serem ingeridas, mas ùnicamente penduradas nas pessoas, sem que êsse contato pudesse de qualquer modo ser nocivo: eram artigos semelhantes, com preços estipulados em tarifa e naturalmente variáveis segundo as virtudes que lhes eram imputadas.

A freguesia era grande e a prova de que o negócio dava lucros apreciáveis é que um dos sócios estava na Europa, talvez fazendo sortimento, como costumam fazer os donos dos grandes estabelecimentos de modas.

Creio que nenhuma voz se levantou em defesa da benemérita firma que vendia amuletos para dar a sorte grande, felicidade no amor, saúde rija e outras coisas preciosas.

A sociedade, entretanto, não exercia a menor coação; ia lá comprar quem queria e, se a freguesia aumentava, é porque a sorte grande vinha mesmo, assim com o êxito no amor e o ditoso equilíbrio das funções orgânicas.

A superstição é velha como o mundo e só acabará quando êle também acabar, porque o Acaso se encarrega, maliciosamente, de entreter essa chama intensa nas criaturas, atirando-lhe, de vez em quando, um graveto.

Abramos um jornal qualquer. Ponhamos de parte os numerosos ardis que se encontram no artigo de fundo, nos sueltos e nas simples notícias, ardis destinados a atrair a simpatia do público. Passemos às páginas de matéria paga. Que há por aí? Anúncios de doutores milagreiros; de remédios que curam tudo: palpites para o "bicho"; negócios estùpidamente vantajosos; mágicos que transmitem poderes sobrenaturais em troca de um simples sêlo do correio; utensílios de utilidade prodigiosa; e mais e mais e mais...

Que diferença haverá entre anunciar essas coisas e vender medalhas e berloques cheios de virtudes misteriosas? No entanto a imprensa atirou a primeira pedra e depois mais outras, enfim dezenas de pedras à firma que alimentava ilusões fagueiras a tanta gente.

Embora arriscando-me a incorrer no ódio jornalístico, que é terrível, ouso erguer minha débil voz para defender essa sociedade comercial, à qual, se eu fôsse juiz, concederia açodadamente habeas-corpus

à Ilusão

Imprensa ! Imprensa ! As classes são lamentàvelmente desunidas !

Se achamos tão natural que as melindrosas usem no cangote uma figurinha trazendo por baixo da camisa um amuleto, que jornal não aceitaria um anúncio de amuletos e figurinhas, igualmente "engasopantes" ?

Perguntaram a certo cego de nascença se êle nunca tinha tido o desejo de recuperar a visão, para gozar do espetáculo do mundo. O cego respondeu (no final do soneto) :

Para que, se eu assim ditoso vivo,
Se êle pode não ser o que eu suponho ?

LOOPING THE LOOP

(Continuação da página 3)

— Mas então por que não botou a palavra entre aspas ?

— Não era preciso. Nem mesmo possível. Teria que aspar todo o papel e o original não tem aspas.

— O Ministro não quer saber disso. Tôda vez que houver palavra fora da "ortografia usual" as aspas são obrigatórias, por ordem de Sua Excelência !

— Bem ! Faço isso de novo !

E pacientemente o oficial refez a cópia, aspeando tudo. Apenas, quando chegou o despacho de Sua Excelência, exarado no encrencado ofício, êle parou...

Havia estas três lindezas ministeriais: ACRESSE *que os cidadãos* QUE DÃO-SE *ao vício da* EMBRIAGUÊS...

— E agora ?

— Agora — opinou o diretor — tire as aspas por ordem de Sua Excelência. Mas fica suspenso, para não desautorar o Ministro na sua alta sabedoria.

Bob

USE CREME DE BARBEAR PALMOLIVE, E
FAÇA A BARBA TODOS OS DIAS SEM IRRITAR A PELE!

Depois sinta como é agradável a sensação de bem-estar, de segurança em si mesmo, causada por uma barba bem feita com o famoso CREME DE BARBEAR PALMOLIVE, que:

- Contém azeite puro de oliva.
- Multiplica-se 250 vêzes em uma espuma fina e penetrante que amolece a barba mais dura em 1 minuto.

Creme de Barbear Palmolive protege e amacia a pele, deixando você bem barbeado o dia inteiro.

TRICAS E FUTRICAS

Colocar as desigualdades econômicas, como quer Perroux, a serviço da prosperidade comum em lugar de as deixar favorecer o egoismo dos poderosos, seria usar espaços econômicos à medida das necessidades atuais do Brasil. Êsse, sim, havia de ser um grande programa de govêrno. Os pólos de crescimento existentes no Brasil teriam, porém, sido postos até aqui a serviço da avareza e da ganância dos especuladores, dos magnatas e dos traficantes de prestígio político. Por isso 2/3 do povo brasileiro vivem hoje sob regime de economia luta-humana, os ricos ficando cada vez mais ricos, ao passo que os pobres são cada vez mais pobres. A inflação enriquece os ricos e empobrece os pobres. Agora mesmo, quando o aumento dos militares engrossa a onda inflacionária, elevando ainda mais o custo da vida, o govêrno nega o aumento dos civis, que vão passar a viver vida ainda mais dura, difícil e triste.

Ricardo Jafet

Horacio Lafer

Francisco Matarazzo

❖

O sr. Novais Filho continua a reivindicar coisas. Como não conseguiu um Ministério, contenta-se com um rio: quer o São Francisco. E explica:

— O São Francisco é um rio do P. R. !

Ora, essa ! Não podia acontecer nada mais triste ao São Francisco...

Os primeiros presentes do govêrno Juscelino à população do Rio foram êstes: Aumento da luz (30% !); aumento da gasolina, dos óleos combustíveis e lubrificantes, dos pneus e câmaras de ar, (encarecimento do transporte) e aumento do pão! Como pano de amostra, para começar, é bastante. Quanto a frutas e legumes, tôda gente sabe que é que há.

Juscelino Kubitschek

❖

O general Lott é um herói que ainda não encontrou uma oportunidade para revelar sua capacidade guerreira: no dia 11 e no dia 21 de Novembro (de nefanda memória) o bravo cabo de guerra não hesitou em mobilizar seus poderosos canhões e seus vastos tanques contra fantasmas: não apareceu ninguém para brigar... E os tanques e os canhões do general Lott, pacíficos e inativos, ficaram nas ruas, como dinossauros de museu, para contemplação espantada dos curiosos. Afinal de contas, para que tanto tanque e tanto canhão ? Para prender os srs. Carlos Luz e Café Filho — coitadinhos — que não tinham nos bolsos sequer um pobre canivete ?! Mandou o general Lott que as fortalezas atirassem no "Tamandaré": queria era ver o estrago... Mas o "Tamandaré" não era de briga — e foi-se barra fora caladinho, para o seu pacífico passeio a Santos. Perdida a sonhada oportunidade, o ex-futuro marechal guardou a belicosa durindana — e passou a exercer seu heroismo em cima da triste carantonha constitucional vigente do sr. Nereu Ramos.

Teixeira Lott

Agora, porém, sobreveio afinal a grande oportunidade: dois jovens aviadores românticos, num gesto bem maluco, se rebelaram contra o Poder, tomaram um avião e foram pousar nas selvas amazônicas. Uma aventura para romance, sem conseqüências e sem importância, embora não de todo destituída de um certo tom heróico de grandeza humana: dois homens contra o Poder, soldados bravos e decididos ! O tempo, porém, êle só, se encarregaria de vencê-los, de dominá-los, na solidão da selva sem recursos. E a Aeronáutica pela persuasão e pela paciência, os reconduziria fàcilmente mais dia menos dia aos seus quartéis. O general Lott, entretanto, achou que era chegada a sua oportunidade de brilhar e impôs, marcial e heróico, sua implacável "expedição das três armas", com navios de guerra, aviões de bombardeio, tropas de desembarque e paraquedistas — tudo isso contra dois homens ! — para dominar e prender — "vivos ou mortos", o major Veloso e o capitão Lameirão ! Como ridículo é o que se pode desejar de mal planejado. E só assim o general Lott utilizará afinal a sua alta capacidade guerreira... Que pena, um general tão ilustre e bem dotado, perdendo tempo com dois tenentes tresloucados — e ateando o rastilho da guerra civil no País !

Veroz, humorista

❖

Conta-se em Pôrto Alegre uma anedota muito curiosa. Uma senhora, hora da morte, despedindo-se do marido, pediu-lhe que não se casasse de novo, "para não dar madrasta a seus filhos". O marido, comovido, prometeu. Mas, mal a mulher cerrou os olhos, no velório, êle, entre lágrimas e lamentações, descobriu uma amiga da mulher, que procurava consolá-lo com

extremo carinho. Era bonitona e terna — e êle sentia na sua solicitude certamente as veladas promessas de felicidade futura... Ergueu-se, então, patético, e exclamou para a defunta:

Minha mulher, eu te prometi, mas agora vejo que não posso!

Foi exatamente o que aconteceu com o bravo e aguerrido campeão da democracia "general" Flôres da Cunha diante da situação incômoda em que ficara perante a U.D.N., que o elegera, o "general" Flôres anunciou que ia fazer um discurso de despedida da vida política, restituindo o mandato ao partido que o elegera. As pessoas que conheciam o "general" Flôres, porém, comentavam:

Flores da Cunha

— Qual! o Flôres não renuncia! Faz discurso, chora, abraça os adversários — e fica. Dito e feito. Embora tivesse preparado longamente o seu discurso de adeus à vida pública, quando viu aberta a luta pela Presidência da Câmara (a amiga bonitona da morta, carinhosa e sedutora), êle fêz exatamente como o viuvo inconsolável de Pôrto Alegre:

Minha mulher eu te prometi, mas agora vejo que não posso!

E não renunciou!

❖

A estréia do sr. Vieira de Melo como líder foi, como esperávamos, decepcionante: não agradou a ninguém: Comentário do sr. Último de Carvalho:

— O Vieira de Melo era melhor como candidato a líder...

Vieira de Melo

A luta pelas autarquias, no govêrno, está sendo encarniçada. Brigam, com unhas e dentes, P. T. B., P. S. D. e P. S. P., na conquista árdua das autarquias. De quem afinal será a vitória? O sr. Juscelino, tonto, não sabe que fazer — e não nomeia ninguém!

Seu próprio pente mostra!

Você necessita combater a

ANEMIA DOS CABELOS

Adquira ainda hoje a regeneradora e perfumada

ÁGUA DE QUINA PINAUD

- de comprovada *ação revitalizante*

Dê novo vigor aos seus cabelos! Com suas propriedades rejuvenescedoras, a Água de Quina Pinaud deixa os cabelos mais firmes, mais resistentes, mais brilhantes... muito mais bonitos! E serve para tôda família!

Tonifique também as raízes dos seus cabelos! Eliminando a caspa e a seborréia, a notável Água de Quina Pinaud fortalece o bulbo capilar, evitando a queda dos cabelos!

DOIS TIPOS À SUA ESCOLHA!

1 - Com óleo

A Água de Quina Pinaud, de fórmula francêsa, contém numa dosagem correta preciosos óleos vegetais, perfeitamente diluídos, sendo assim invisíveis. Por isso, fixa melhor... sem empastar!

2 - Sem óleo

Se deseja beneficiar-se das reconhecidas propriedades tonificantes da quina com uma loção não oleosa, use então a Água de Quina Pinaud - sem óleo!

Seu próprio barbeiro confirmará as excelentes virtudes tônicas da Água de Quina Pinaud!

PINAUD Paris Perfumistas desde 1810

O espírito anônimo das ruas

Benedito — Sabe qual é a diferença entre você e a maioria parlamentar?
Nereu — Não, não sei.
Benedito — E' que a maioria é um **lote** de palhaços e você é o palhaço do **Lott**...

VÁRIAS

Conta-se que na última guerra, Winston Churchill, inspecionando os exércitos, interrogou certo dia um soldado:

— Que é que você está bebendo? Café ou chá?

— Não sei, senhor, respondeu-lhe o guerreiro. *Êles* não me disseram o que é...

: ✧ :

O Dr. Jones, discípulo dileto de Freud, no livro que acaba de escrever sôbre o mestre, conta que êste atribuia seu poder criador ao bom funcionamento do seu "Konrad". Era assim que êle chamava ao seu tubo digestivo.

: ✧ :

Frase atribuida a Paul Reynaud, dita após sua reeleição: "Aqui, na França, ninguém respeita os homens públicos. Quando estão no Poder, são acusados de querer permanecer no posto. Quando não o estão, censuramos por querer subir a êle...

: ✧ :

Num teatro, o garoto, que estava num camarote de 2.ª ordem, lá em cima, debruçava-se perigosamente ao balcão, em risco de precipitar-se na platéia. A mãe, preocupada, adverte-lhe:

— Filhinho, cuidado para não caires lá em baixo. Os lugares na platéia custam mais caro!

: ✧ :

Como variam, sôbre um homem, as opiniões dos homens! Pura simpatia, interesse puro, ditam os pronunciamentos. Impossível um acôrdo. Vejamos, sôbre Floriano Peixoto, o juizo dos seus contemporâneos e pósteros.

Carlos Afonso, que lhe pediu a reforma: "Pus junto do fogo a serpente que estava inteiriçada de frio!"

Ouro Prêto: "Apertaria a mão a Deodoro. A êle, nunca!"

Deodoro: "Enojei-me da farda. Por causa dêle foi que pedi me enterrarem à paisana."

Rui Barbosa: "Mão mais ensangüentada do que a de Macbeth".

Euclides da Cunha: "Um enigma".

Lima Barreto: "Qual esfinge, qual nada! Conservou-se no Poder para economizar os ordenados e desipotecar o engenho". (Floriano tinha um engenho nas Alagôas, gravado por hipoteca).

Os *jacobinos*: "O consolidador da República".

Os monarquistas: "O maior dos celerados".

Júlio de Castilhos, depois seu correligionário: "Três vêzes traidor".

: ✧ :

Quantas vêzes tenho ouvido, exalada por peitos de patriotas, esta aspiração política: "O Brasil precisa de um govêrno forte que o obrigue a andar para a frente"! Recordando o caso, sou levado a pensar no fazendeiro de que ouvi contar a providência drástica tomada para *fazer ir para a frente* um burro que não queria sair do lugar. Êsse homem, dotado da energia de Moisés, outro condutor de burros humanos, não admitia

oposição ao seu desejo. Chegava a extremos, porém resolvia os casos.

Certo dia, querendo sair no burro para uma excursão qualquer pelas suas terras, encontrou no animal a mais viva, férrea, irredutível oposição. O burro fincava as patas no chão e não havia esporada que lhe fizesse mudar de intento.

Irredutível, disse eu, e é modo de dizer. Porque para o fazendeiro nada havia de irredutível no mundo, principalmente no mundo dos burros.

Que fêz êle? Mandou reforçar com calabres as rédeas do animal e, ligando fortemente as cordas à trazeira de um caminhão, fêz partir o carro *em primeira reduzida*, marcha potente, capaz de arrancar tócos de mangueiras ou de jequitibás.

O burro, naturalmente, reagiu. Mas em vão. Foi arrastado à fôrça e andou mesmo para a frente, embora com as quatro patas rigidamente esticadas, fôsse abrindo no chão profundos sulcos de arado...

Conclua o leitor da anedota aplicada ao govêrno dos povos.

—◇—

A SITUAÇÃO FINANCEIRA

Zacarias é homem sem ilusões.

Êle não acredita que a mãe ame seu filho pelo prazer de amar, mas com o fito de tirar do futuro homem sua fonte de renda quando o marido morrer ou não puder trabalhar.

Êle não acredita tampouco que estadista algum ame sua pátria se não arrancar dela fortuna bastante. Também Zacarias não acredita na Justiça nem na Fraternidade nem no Direito nem na Razão: tudo isso são, para êle, formas diversas de vários negócios rendosos.

Com êsse estado de espírito Zacarias, que equipara a beleza das mulheres à mercadoria das feiras, leu grande artigo de certo publicista oficial, provando que nossa situação financeira é risonha e cheia de promessas.

Com sorriso muito especial voltou-se para mim e perguntou:

— Você acredita nisto?

Eu, que sou do contra, declarei francamente:

— Isso é mentira! Nós atravessamos período de crise muito séria.

— Pois olhe, eu acredito piamente.

— Você?! — Fiz eu alarmado — Logo quem? Você mesmo?

— Perfeitamente. E' que você não sabe ler. O que aqui se afirma é que a situação financeira dos homens do govêrno, isto é, da classe que nos explora, é a melhor possível. Não seria decente que êste sujeito falasse na situação financeira dos governantes, e assim êle fala no Brasil, isto é, na mamadeiras onde essas crias chupam leite de ouro...

Os OCULOS do DIABO

Crônica de Lisbôa: por **Jorge Ramos**

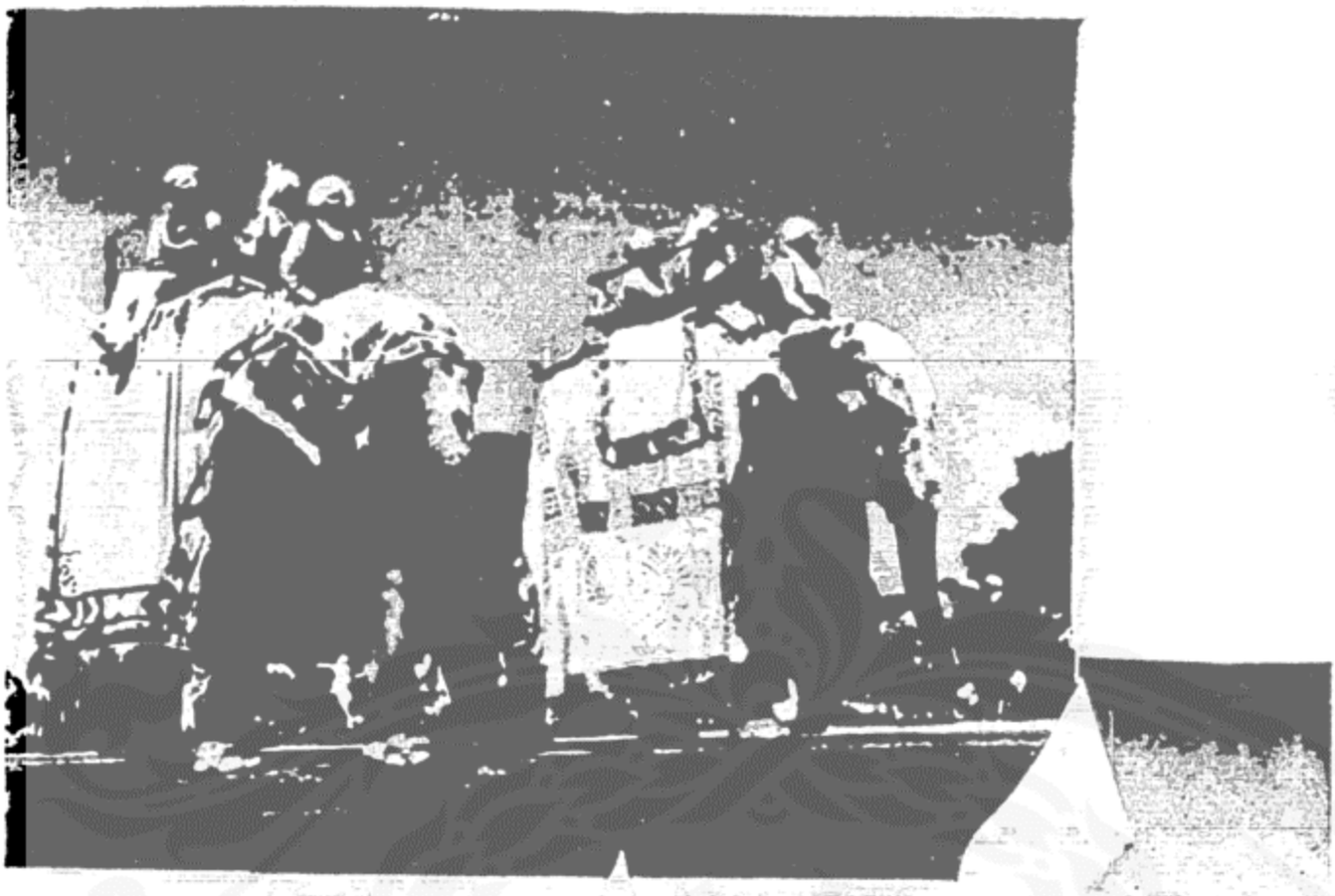
Jornalista português

O MAIOR PANFLETÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUÊSA

FAZ agora 125 anos que morreu um dos maiores e mais vigorosos modeladores de prosa que a história literária portuguêsa comporta, um grande homem, que de maneira notável ilustra o Alentejo onde nasceu, porquanto Beja se pode orgulhar de ter lançado sôbre o último quartel do século dezoito a luz vivíssima de um espírito culto que terçou armas como Bocage, ousar tratar o mesmo assunto dos **Lusíadas**, e foi, a par de um crítico sagacíssimo e de um poeta com assombrosas faculdades, o corajoso intelectual que na história da literatura portuguêsa iniciou o jornalismo panfletário. Em nome do critério de imparcialidade a que deve obedecer, sem prejuizo de convicções, a apreciação de um talento de indiscutível mérito, consideramos como vulto mais proeminente senão da literatura daquela época pelo menos da arte difícil de escrever manejando o idioma com uma pureza erudita, e uma agilidade de linguagem prodigiosa, êsse orador sagrado que atacou tôdas as idéias liberais, o padre José Agostinho de Macedo.

Não importa que a algum estranho pareça que eu rememore nesta pagina o caceteiro literario que injuriou com terriveis libelos sarcásticos as figuras mais destacadas da arte de pensar... Não me interessa a ideologia que êle defendeu, mas admiro a forma como êle, irreverente e virulento, cuidou de expôr o seu pensamento. Vou mais longe ainda: encontro um fulgor de gênio nas grosseiras violências dessa prosa estabiliária, onde vejo impressa a grande verdade dos panfletários desesperados. A quase século e meio de distância, o antigo frade gracejador que combateu com impetuosidade as idéias que não abdicamos de guardar no nosso fôro intimo, surge como exemplo magnífico de um artista que foi capaz de trabalhar a argila rica da nossa língua afeiçoada às mais extraordinárias facetas da ironia, da graça, do sarcasmo e da troça. O frade reacionário seria hoje, se lhe permitissem!, um jornalista combativo, sem dúvida com muito mais bagagem de cultura que muitos dêsses que se prezam cultivar o laicismo do estilo. O autor impiedoso de **Os Burros** o critico azedo de **A Tripa Virada**, rancorosa sarcasta da **Bêsta Esfolada**, cáustico, impudico, mordaz nas diatribes e comentários, foi um mestre de prosa. Sua obra, embora vasta, não sobreviveu ao seu tempo mas as páginas do **Padre Lagosto**, como lhe chamavam os seus inimigos, são inesqueciveis pela pujança e caráter másculo. E' preciso ler êsses piparotes de gigante, essas vergastadas de ouro, essas lufadas tremendas de contundência, para auscultar debaixo da rudeza expressiva e da grosseria caudalosa, a elegância de quem conhecia as delicadezas subtis do estilo e as profundidades do vernáculo. Foi um clássico êste indignado e revolucionário panfletário êste Bousset de prosa lavada, sem impurezas, e de cacete debaixo do braço!

• ✧ •



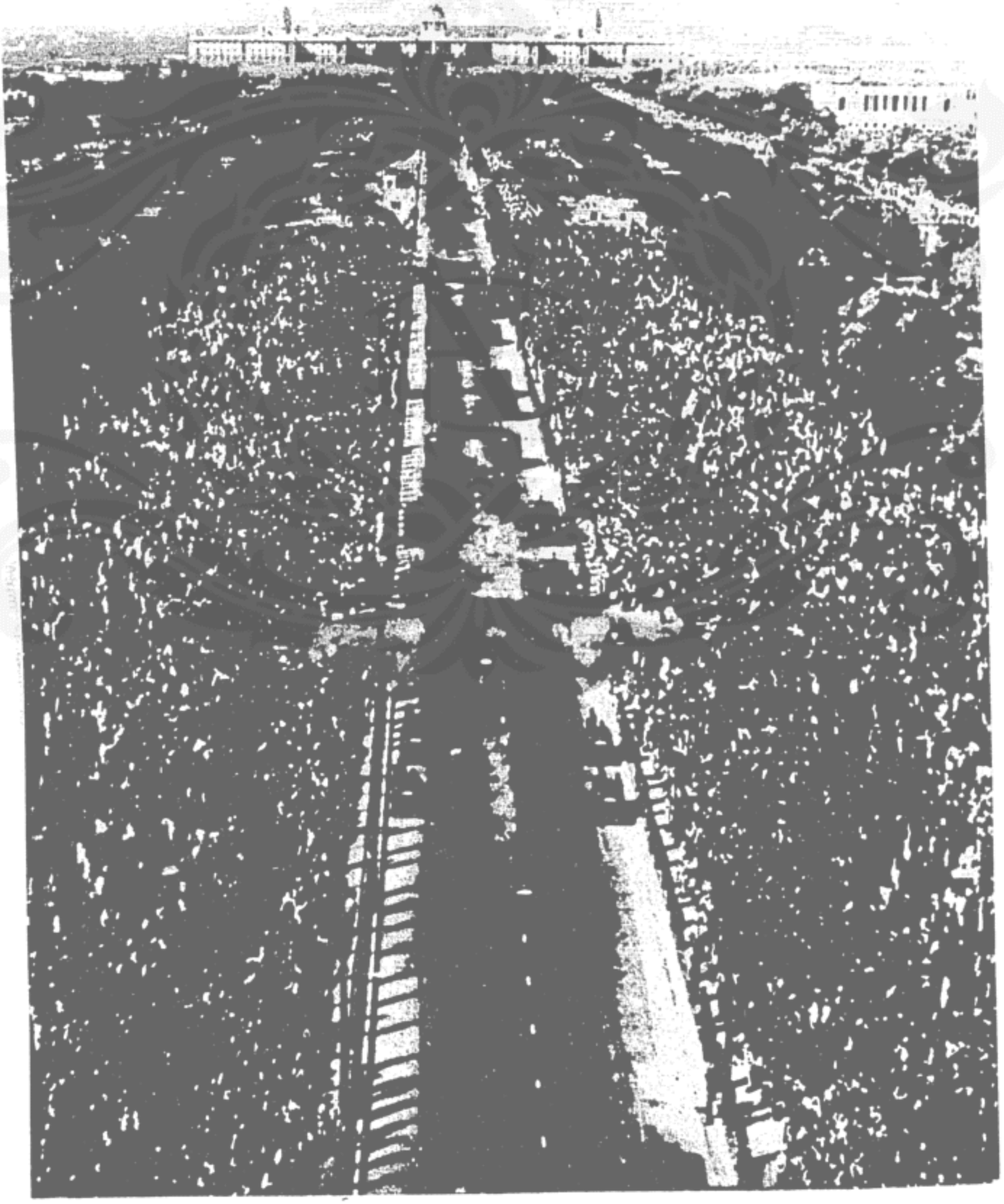
República Indiana

Em comemoração a mais um aniversario da República Indiana, realizaram-se em Nova Delhi no dia 26 de Janeiro próximo passado, várias solenidades, inclusive magnifica parada militar que atraiu verdadeira multidão ávida de assistir à passagem da tropa.

Pelas principais artérias da capital da Índia desfilaram, diante do Presidente Rogendra Prasad, elefantes amestrados, ricamente ajaezados como os que aparecem na foto ao alto da página

Êsses geniais paquidermes, ao passar diante do primeiro magistrado daquele país, levantam a tromba, numa espécie de continência. Também desfilou a [illegible] da Indiana, representada por milhares de jovens, como nô-la mostra a fotografia abaixo.

Finalmente as fôrças mecanizadas do aguerrido Exército indú também desfilaram pe a grande artéria central da cidade, tal como se pode ver na fotografia da página seguinte, na qual aparecem, ao fundo, os maravilhosos palacios do govêrno indiano.



Golpe Frustrado

Oferecemos aos nossos leitores alguns flagrantes, tomados pelo nosso fotógrafo, no Aeroporto de Santarém, quando aquela cidade paraense se encontrava em poder de três oficiais da Aeronautica, majores Haroldo Veloso, Paulo Vitor e o capitão Lameirão.

Ali os fomos encontrar, azafamados, a preparar a região para resistir, como fôsse possivel, a esmagadora fôrça do govêrno central.

Os oficiais sublevados não são de muitas palavras. Apesar disso falaram para dizer que não se arrependiam da atitude assumida.

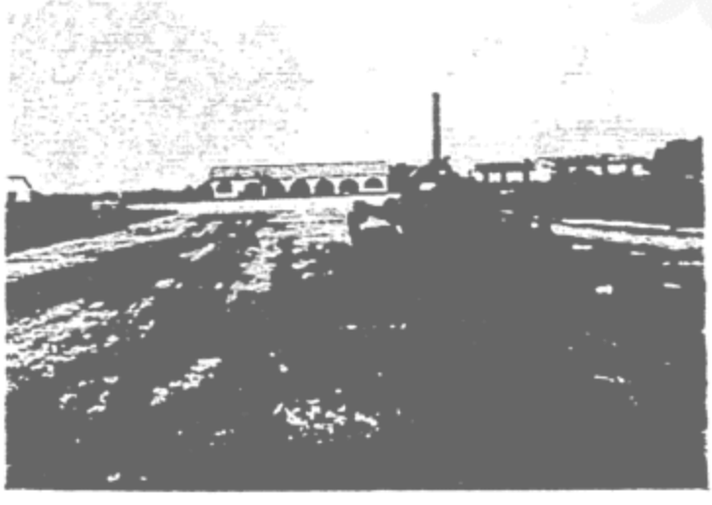
Veloso, por exemplo, declarou antes de ser prêso:

"Não estou arrependido de minha atitude. Estou apenas desapontado com meus companheiros do Rio e São Paulo, além de outros elementos comprometidos na revolução, os quais falharam na hora precisa. Sempre lutei pela deflagração do movimento antes da posse de Juscelino. Minha atual situação resulta da não aceitação de meu ponto de vista. Não me interessa entrar em choque com as tropas do govêrno; minha missão era manter o triângulo estratégico das operações: Jacareacanga, Cachimbo e Itaituba. Fui a Santarém, a fim de despertar a atenção de meus companheiros e incentivá-los ao cumprimento da palavra empenhada. Não me considero ainda vencido; noti-

Major Veloso

Os insurretos possuem armas modernas, inclusive estação rádio-transmissora

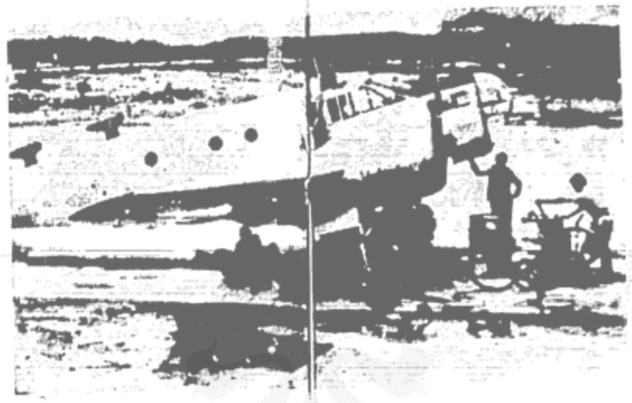
Grande reserva de gasolina possuiam os insurretos. Ignoramos se conseguiram leva-la consigo ou que destino teve ela.



Dêste trator o Major Veloso têz um carro de assalto.

Este o edificio do Aeroporto de Santarém

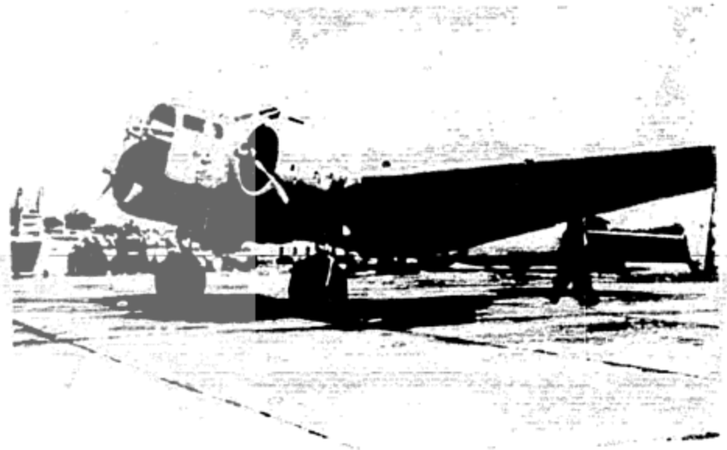
No jipe do Aeroporto de Santarém, Veloso e Lameirão inspecionam as **obras de defesa.**



Avião do major Veloso recebendo abastecimento de gasolina no aeroporto de Santarém.

cias favoráveis não surgiu[illegible]pera, mas espero que estejam a caminho".

O movimento está virtu[illegible] fracassado. Já nascera, aliás, fracassado, porque os aconteci[illegible]de 11 e 21 de Novembro de 1955 vieram mostrar, sem qualquer [illegible]idade de dúvida, não possuir a nação chefes nem guias nem [illegible]s na comeirada da oposição. Quem esperar reação partida dos g[illegible]portas da democracia trate de comprar um banco bem confortáv[illegible] qual, fumando, possa esperar dez anos sentado.



Este avião permanece na posse dos insurretos, ao contrário do que se propalou a respeito de sua destruição.

Os dois oficiais sublevados percorrem, a pé, a pista de aterrissagem de Santarém.

Soldados fiéis a Veloso e Lameirão.

Os dois aviadores rebelados, após um vôo de reconhecimento.

Vedando o uso da pista do Aeroporto de Santarém aos aviões do govêrno.

Militares [illegible]iram aos insurretos.

Tambores de gasolina, espalhados pela pista, impedem a aterragem de aviões governamentais.

As girafas e os mis

TODO o Mundo está preocupado com desvendar as rotas que levarão o homem a varar os espaços infinitos, transportando-o a outros mundos, outros astros, pondo-o em contato com seres diferentes. Os estudos empreendidos para isso não têm limites. Abrangem tudo, até as... girafas. De fato. O sábio de origem alemã, residente no Transvaal, Dr. R. H. Goetz, dedicou-se ao estudo exclusivo das girafas. Seus trabalhos são seguidos com interesse inusitado pelos pilotos de aviões a jato e pelos construtores de espaçonaves. Esta notícia pode parecer fantasista, até bsurda, mas é exata.

PRESSÃO, PROBLEMA SÉRIO...

O pescoço da girafa, êsse pescoço de comprimento descomunal que tanto diverte a petizada nos Jardins Zoológicos, está constituindo grave problema para os sábios, pelo enigma que, há muitos anos, lhes desafia a argúcia e os conhecimentos. Para comer ou beber, a girafa afasta as quatro patas e fica por vêzes durante uma hora e meia com a cabeça baixada, quase no nível do solo.

— Por que o sangue — perguntam os zoologistas — não lhe aflui ao cérebro, provocando uma congestão?

Como explicar, de modo geral, que a pressão sanguínea seja constante na cabeça da girafa se o animal a mantém a uns 4 e meio ou 5 metros de altura, senão mais, e a desça ao rez do chão, a uns 2 e meio metros abaixo do nível do seu coração, ficando assim muito tempo?

O Dr. Goetz encontrou, após muito esfôrço, a solução do caso. Compreende-se por que, pois, seus trabalhos não deixaram indiferentes os futuros navegadores dos espaços siderais e os pilotos de aviões a jato, os quais estavam até agora sem defesa contra as variações da pressão sanguínea quando voam durante as experiências dos aparelhos.

SOLUCIONADO PELA NATUREZA...

As primeiras observações do Dr. Goetz foram feitas nas girafas mortas, cuidadosamente conservadas em imensas cubas cheias de solução à base de formol. Essas experiências permitiram-lhe verificar que é enorme o coração da girafa e extremamente poderoso — pesa até 2 quilos ou seja mais de 40 vêzes o pêso do coração humano. Tendo 25 a 30

A girafa afasta as patas e fica por vêzes durante uma hora e meia com a cabeça abaixada, quase ao nível do solo. Por que o sangue lhe não aflui ao cérebro, provocando uma congestão?

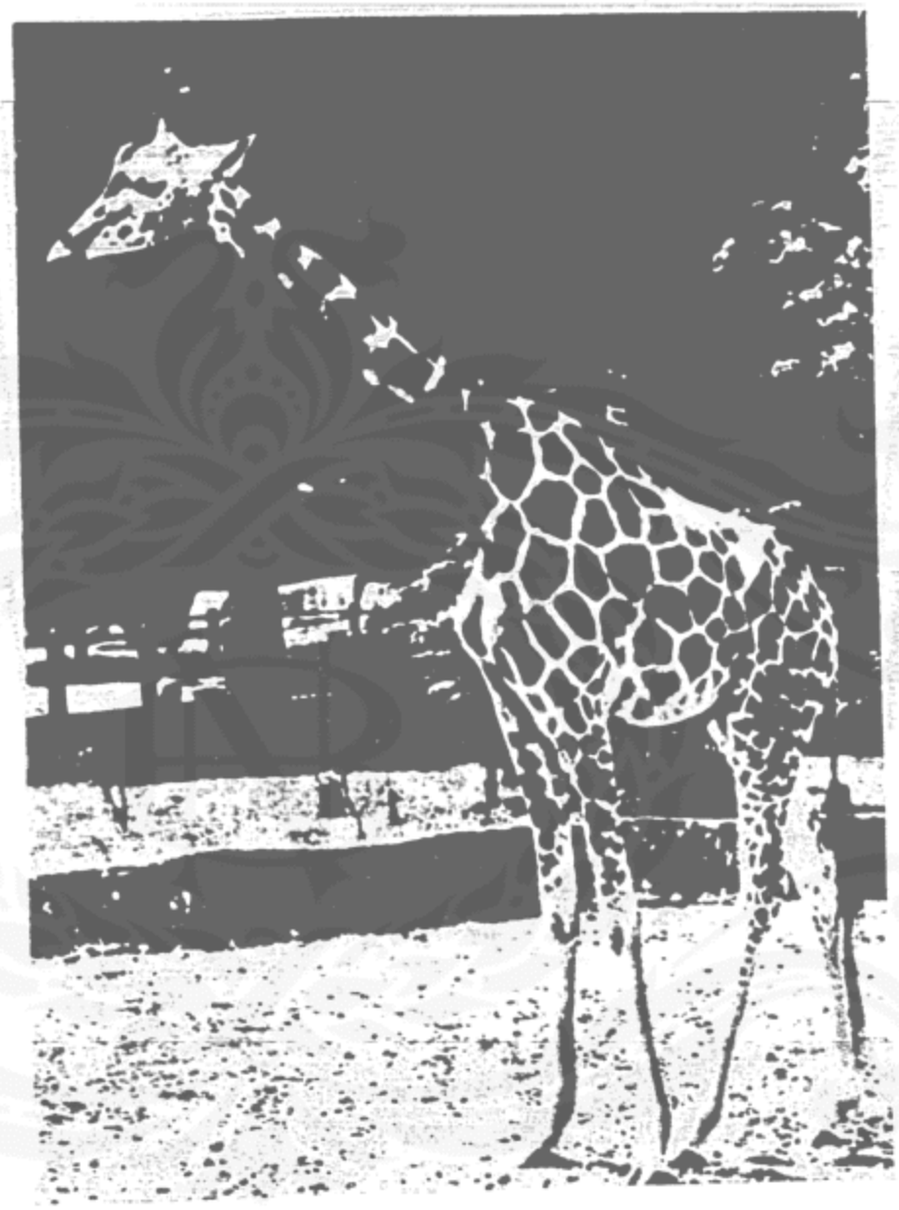
térios do espaço

cent metros de largura: a veia jugular é provida de curioso sistema de válvulas, que se abrem quando a girafa está com a cabeça levantada, permitindo assim ao sangue subir até o cérebro, mas se fecham mais ou menos, reduzindo a pressão, quando o animal abaixa o pescoço.

O Dr. Goetz continuou suas investigações em girafas vivas, imobilizadas (não sem constrangimento) em enormes gaiolas de aço. O zoólogo conseguiu prender na carótida do *Camelo pardalis* um manômetro especialmente fabricado para medir as diferenças da pressão sanguínea, quer quando o pescoço está levantado quer quando está abaixado. A pressão, na base do cérebro, varia pouco e é menor (176 mm. de mercúrio), quando a cabeça

do animal está no nível do solo, do que quando ergue o pescoço (200 mm.). O "movimento das válvulas" da girafa funciona eficazmente.

Resta agora aos cientistas tirar dos trabalhos do Dr. Goetz ensinamentos práticos e inventar aparelho regulador da pressão sanguínea dos pilotos e futuros passageiros dos aviões-foguete que desvendarão os mistérios do espaço.

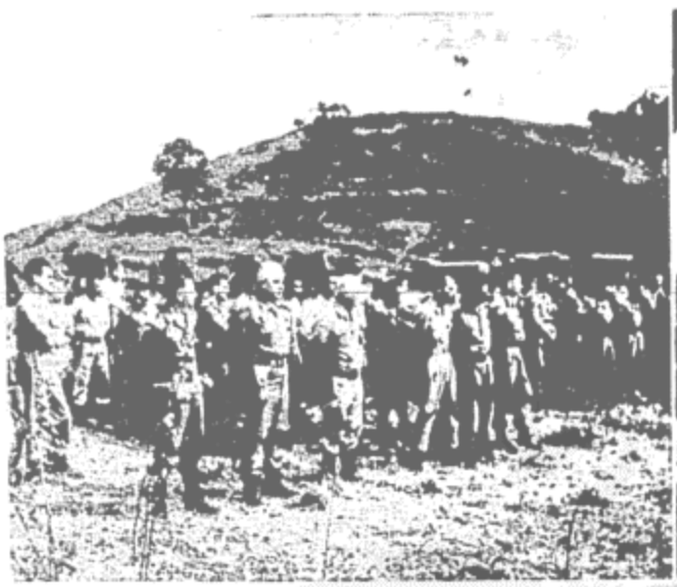


A pressão sanguínea é constante na cabeça da girafa quando a mantém a 4 ou 5 metros de altura, porque a veia jugular é provida de curioso sistema de válvulas, que se abrem quando a girafa está com a cabeça levantada, permitindo ao sangue subir até o cérebro.

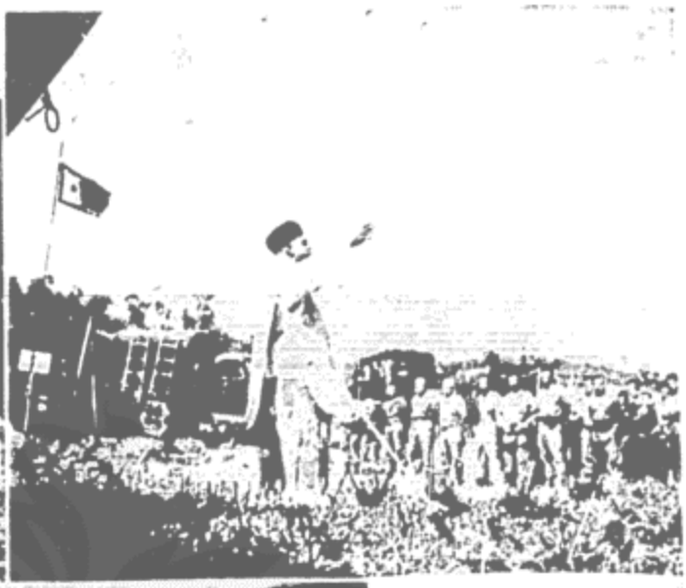
———◇———

Vende-se a lua em Nova Iorque, hectare por hectare. Os novos proprietários estão muito impacientes por poder assentar o pé sôbre seus novos domínios.

Aos interessados brasileiros, que compram abacaxis, descontos particularmente interessantes...



Flagrante da assistência à missa no acampamento de Laranjal — M.G.



Missa campal no acampamento de Laranjal — M.G.

Pracinha cumpre a sua tarefa

Proesa Inédita

UMBERTO PEREGRINO

Cento e cinquenta viaturas deslocaram-se desta capital para Natal, no dia 27 de outubro último, em exercício de coroamento do ano de instrução da Escola de Moto-Mecanização. Idéia e realização do seu Comandante, o Cel. Paiva Chaves. Ora, êste, que é um dos chefes mais completos com que conta o Exército na atualidade, (Ah! O Cel. Paiva Chaves na Petrobrás!...) logo decidiu tirar, do exercício de grande envergadura que ia empreender, também amplo partido cultural. E então planejou observações de ordem social e econômica, além de evocações históricas a serem feitas ao longo do percurso. Antes da partida os oficiais e sargentos que se deslocariam foram submetidos a cuidadoso trabalho preparatório, através de palestras e documentação ministrada por peritos especialmente convocados.

Basta mencionar-lhes que, entre as coisas programadas, estava a chegada a Feira de Santana em dia que permitisse à coluna assistir à famosa feira do sertão baiano. Só essa lembrança caracteriza a acuidade inteletual do Cel. Paiva Chaves e indica em que nível soube êle colocar o programa cultural a ser desenvolvido durante o deslocamento até Natal. Daí é fácil compreender os programas especiais que foram organizados a respeito do petróleo de Lobato e da Refinaria de Mataripe, do Senhor do Bonfim e dos monumentos históricos de Salvador, da alimentação, dos costumes e da linguagem regionais, da evocação de feitos históricos em Canudos, Pirajá, Guararapes e Cunhaú.

De tudo foi feito competente documentário foto e cinematográfico.

A Operação Natal foi, destarte, um empreendimento inédito nos anais do nosso Exército. Inédito nas proporções, na magnitude técnica, na complexidade da organização e, ainda, na iniciativa de associar-lhe proveitos de natureza cultural.

Ah! O Cel. Paiva Chaves na Petrobrás!...

—✧—

P.S. — Esta crônica fôra escrita antes da nomeação do Cel. Janari Nunes para a Presidência da Petrobrás. Evidentemente não ocorreu ao cronista o nome do Cel. Janari, ocorreu, como se lê, o do Cel. Paiva Chaves. Com fundamento na extraordinária obra do ex-governador (diríamos melhor: criador) do Território do Amapá, cuidávamos que fôsse êle colocado na Comissão de Valorização da Amazônia. Saiu Petrobrás. Está também muito bem. O Cel. Janari é administrador operoso, fecundo, probo, capacíssimo. O que empreendeu no Amapá é milagre.

Tudo isso vai dito para demonstrar que a referência ao Cel. Paiva Chaves não tem sentido de restrições à escolha do Cel. Janari, a qual aprovo, aplaudo. Com êle também confio no destino da Petrobrás, que ou funcionará ou dirá por que não funciona.

AGORA NO FUTEBOL, AOS SÁBADOS E DOMINGOS
A TARDE, O NEGÓCIO É CONTINUAR OUVINDO A

Rádio Mayrink Veiga

• Uma emissora da Organização Victor Costa

porque também nos esportes a Mayrink não perde uma!

- NOVO SISTEMA DE IRRADIAÇÕES!
- Muito mais INFORMATIVO!
- Nova EQUIPE DE LOCUTORES!
- Muito mais VIBRANTE!

comando geral de
RUI PORTO e BRAGA JÚNIOR
supervisão de
LÚCIO GUIMARÃES

PATROCÍNIO EXCLUSIVO DA
BRAHMA CHOPP

que também nos esportes ...
é o melhor da festa!

CACOS E FARPAS

As mulheres riem-se muito por ser a maneira mais fácil que têm de mostrar os dentes sem dizer tolices...

◇

As mulheres guardam mais fàcilmente alguma coisa na bôlsa do que na cabeça...

◇

Pode ser que os macacos sejam parentes dos homens, as macacas, entretanto, não o são das mulheres. As macacas, geralmente, têm muito juizo...

◇

Não há escocês mais avarento do que a mulher que gasta o dinheiro ganho por ela própria...

◇

A mulher é animal egoista que gosta de fazer caridade com o dinheiro alheio...

◇

Se o diabo é o pai da mentira, a mãe só pode ser a mulher...

◇

Quem de seu só tem uma mulher, pouco tem a perder...

◇

Verdade irrecusável é a de que antes da mulher não existia pecado...

◇

E' grande grosseria oferecer sal a uma pessoa que acabou de contar anedota desprovida de graça.

◇

E' deselegante meter no bolso a colher com que mexemos o chá. Mesmo quando a colher fôr de prata, como a lingua das mulheres...

◇

Se não existissem tantas "respeitosas" que valor teriam as mulheres honestas ?

◇

Dar muito dinheiro à mulher é o meio seguro de perder a ambos: a mulher e o dinheiro

—◇—

ECOS CARNAVALESCOS

— Você me conhece ?

— Não seja bôbo.

— Eu logo vi que você conhecia os seus semelhantes...

◇

— *Colombina, queres jantar comigo ?*

— *E se você descobrir que eu*

Discreção

— O general Lima Câmara disse que, durante o estado de sítio, as mulheres foram as maiores boateiras !

— Que injustiça, minha filha ! Quando soube que o govêrno ia ser deposto, que ia ser instaurada a monarquia e que a esquadra ia atacar Belo Horizonte, não contei nada a ninguém !

sou Colombina por fora e Pierrô por dentro?

— Se for Pierrô ou paga o jantar ou apanha.

✧

Do repertório fantasioso:

— Ao conquistar uma mulher mascarada, é você capaz de adivinhar se ela é bonita?

— Não é necessário adivinhar. Se no fim de quinze minutos ela não tirar a máscara é porque é feia.

✧

Pensamento Avulso:

— Se o carnaval durasse mais de três dias, a moral o venceria pelo cansaço.

— ✧ —

PENSAMENTOS PROFUNDOS

A simpatia é a ficha de consolação que a Natureza concedeu às mulheres feias.

Por que será que as artistas de cinema nos impressionam melhor do que as de teatro e mais fácilmente nos podem levar à paixão? Porque trabalham caladas...

• ✧ •

Mentir pode ser feio mas é mais inteligente do que dizer a verdade. Porque a verdade é a coisa real, que todo mundo pode ver e a mentira é a criação, o mito, que só os cérebros privilegiados podem arquitetar. Donde se conclui que o mentiroso é que é o artista, o homem notável...

• ✧ •

O espirro é violenta declaração de princípios do nariz.

• ✧ •

A saudade é vontade retrospectiva de chorar.

• ✧ •

No século XX o amor nasce no coração e morre na bôlsa. Nasce aspiração e morre necessidade. No princípio, é sonho da alma, no fim, é pesadelo do orçamento.

• ✧ •

O homem que põe à prova a fidelidade da mulher a quem ama, anda como a criança que faz a autópsia da sua boneca para ver como é que ela funciona: acaba sempre estragando o brinquedo...

—✧—

UMA COISA OU OUTRA

O guarda do trânsito percebeu, na fila de carros que transitavam lentamente na rua Barata Ribeiro, um motorista-amador demasiadamente ocupado: sua mão direita explorava atrevidamente o busto de bela loura a seu lado, enquanto a mão esquerda repousava negligentemente no volante. O guarda verberou êsse modo de dirigir veículo:

— Olá! — disse o policial ao chofer galante, em tom severo — O senhor não pode utilizar as duas mãos?

— Doido para isso estou eu, *seu* guarda, mas nesse caso, quem dirige o carro?

Ostários

— Ora veja! Quase aprovado o plano de reclassificação e o govêrno apresenta outro plano!
— Logo vi que êles tinham um plano contra nós...

Bôa Estrela

— Você, disse-me o velho Horácio, enquanto se vestia para irmos ao teatro, você não conheceu o Rio no tempo do ensilhamento.

— Nessa época devia eu ter de quatro para cinco anos..

— Pois eu tinha entrado precisamente na maioridade. Muita ambição e pouca experiência. O Rio nessa época estava na efervescência dos negócios. Surgiam bancos e companhias como cogumelos no estrume. Improvisavam-se fortunas e dissipava-se no luxo. Como a carruagem é sempre um emblema de fortuna, e como o automóvel ainda não tinha surgido, rodavam pela cidade os fáetons, os cabriolés, as vitórias, os coupês, tirados por belas parelhas e guiados por aparatosos cocheiros acaloados.

— Foi um sonho!

Ou um pesadelo... Mas eu só falei nisso incidentemente, pois o meu fim é demonstrar uma teoria.

Vamos a ela.

Os indivíduos que conseguem fazer grande fortuna dão-se ao luxo, quando já estão muito ricos, de escrever livros para ensinar o próximo a enriquecer. Há nisso grande dose de tolice, aliada a dose ainda maior de má fé, pois é evidente que ninguém poderá fazer tudo quanto êles fizeram, devido à impossibilidade de criar as mesmas circunstâncias. Para o bom êxito dêsses felizardos, a bôa estrêla e o pistolão contribuem sempre na razão de noventa e cinco por cento, pelo menos.

Você deve poder falar de cadeira. E' rico...

— O adjetivo é um tanto forte. Tenho alguma coisa, mas, consoante minha teoria da bôa estrela, não atribúo aos meus dotes pessoais aquilo que possúo.

— Então conte como foi isso.

O velho e sólido Horácio suspendeu a execução do nó da gravata e foi consultar o relógio, interessado em chegar a tempo ao teatro.

— Ainda temos tempo. Quando o jôgo da bôlsa estava no auge, arranjei emprêgo no escritório de um corretor de grande clientela. Enfronhei-me no funcionamento daquela máquina infernal e vi como seria fácil vencer, ganhando milhares de contos em vinte e quatro horas, na alta súbita e fictícia das ações de uma companhia fantástica. Com tôda minha inexperiência, eu tinha a intuição de que era preciso aproveitar, pois aquilo não podia ir muito longe. Era bom demais.

Podia arranjar um empréstimo.

— O meu crédito não daria para muita coisa. O que me valeu foi a minha bôa estrela. Uma noite, que por sinal era de luar, deu-me de repente o desejo de ir dar uma volta pelo centro dos negócios, ali pelas ruas da Alfândega, Candelária e 1.º de Março. Senti curiosidade exquisita de os percorrer, à noite, ao luar, para vê-los silenciosos, aqueles mesmos lugares que durante o dia formigavam de gente apressada e ambiciosa, entrando e saindo dos bancos, recebendo e pagando, arriscando e ganhando. Fui. Sabe o que aconteceu? Como a noite estava clara, percebi no chão, junto à entrada de um banco, um objeto escuro, retangular. Abaixei-me e apanhei-o: era uma carteira que continha cem contos, além de notas quebradas. Não tinha monograma nem outro sinal que me permitisse reconhecer o dono nem papéis com o seu nome nem cartões de visita; uma carteira vulgarissima. No dia seguinte, no outro e no outro, percorri os anúncios; ninguém reclamava. Naquele momento cem contos não faziam falta. Julguei-me dono do dinheiro e atirei-me. A loucura durou apenas um mês mais, foi o bastante, porém. Quando veio a catástrofe, eu me achei entre os poucos que podiam considerar-se salvos. Agora diga-me: foi talento? Foi esfôrço o que me deu dinheiro?

— Aí houve mesmo bôa estrela.

— Se houve! E a minha bôa estrela foi a lua, no quarto minguante.

A Paixão

Longe de mim tentar ridicularizar as paixões humanas, como é hábito entre aqueles que a miséria da civilização mercantil tornou incapazes de um sentimento diverso do amor aos lucros e aos negócios. Mas acho que há certas paixões muito pouco sérias e menos dignas de especial consideração.

Meu amigo Juvêncio, homem que conheci ponderado, operoso, sincero e enérgico, veio outro dia para casa minado por uma paixão desesperada. Vira na rua

★ RI ★
RIALVA
★ VA ★
A Roupa que conquista!

CALÇAS
milhares
de CALÇAS
para PASSEIO
ESPORTE ou TRABALHO
aos menores Preços do Rio

127 • AV. MAR. FLORIANO • 127

uma serigaita com arzinho picaresco e aparências honestas que lhe pareceram indícios de criatura superior.. Juvêncio ficou doente; a tal sujeitinha obstruia-lhe todos os canais de penetração de luz e inteligência. Inùtilmente tentei socorrer o meu amigo, cujo desespero de coração era sincero e brutal. Mostrei-lhe como as mulheres eram banais, insignificantes, fùteis, espertas, negociàveis e insensíveis a essa radiante esperança de todos os homens de talento numa companheira dedicada, fiel e nobre. Juvêncio cada vez mais se deixava arrastar na torrente de sua perdição sentimental. O desgraçado, colhido de surprêsa, nem sequer imaginou que tinha ainda o recurso de outras mulheres para esquecer-se dessa pelintra de ar modesto e planos misteriosos.

Eu, que sou também um delicado e um sensível, modéstia à parte, tentei um meio supremo de dar uma decisão ao estado lamentável dêsse amigo digno de melhor sorte.

Procurei a tal sujeita e perguntei-lhe:

— Desculpe-me, mas eu conheço um homem que está profundamente apaixonado pela senhora. Por acaso sabe quem é um cavalheiro assim (e descrevi o Juvêncio) ?

— Sei, sim, senhor. Êle me persegue todos os dias com olhares especiais. Quem pensa êle que eu sou ?

— Pensa que a senhora é a criatura mais extraordinária dêste mundo...

Oh ! É muito pra mim... Mas, afinal, que quer o sr. ?

Quero apenas que diga se casa-se ou não com a paixão do meu amigo a quem a senhora votavelmente e se êle pode esperar ou ser correspondido e correspondido.

— Isso é conforme.

— Conforme ao que ?

— Se meu noivo der o fora, eu fico com êsse tal...

— ❖ —

LENDA ASIÁTICA

É comum atribuir-se aos gigantes tártaros as grandes estradas da região central da Ásia e o herói de suas lendas é sempre um filho, que transportou de longe grandes pedras para o túmulo de seu pai.

É êsse um motivo comum de poesia local, simbolizando o respeito e o amor filial.

Assim, perto do Lago Negro, na Mongólia, a uns 300 metros dos dolmens ali existentes, há uma grande e estreita via fazendo ligação entre um monumento no cume dos penhascos rochosos e a margem do Jenissei. Tem êsse monumento 16 pilastras de 2m.50 de altura, envolvendo um grandioso túmulo.

Reza a tradição que, antes de chegarem os tártaros àquela região, sob o comando do príncipe Goon, acamparam nos campos próximos; mas Goon foi morto em combate.

Seu filho sepultou-o no cume das montanhas que circundam Baluck Sul.. como não havia ali pedra vermelha, própria para o monumento funerário, o filho ia dando ia tôdas as manhãs as margens do rio buscar as lages que levava, antes do cair da tarde.

Ouvia quase um dia de viagem para ir e voltar e os blocos eram mais pesados que dois touros.

E assim, veloz como um gamo selvagem, o filho de Goon abria essa estrada, amassando com seus pés poderosos o solo inóspito da região.

: ❖ :

A ETIQUETA

Quando M. de Saint-Maurice, parisiense elegante e de fino espírito, foi nomeado escudeiro-mor do vice-rei do Egito, foi convidado pelo Kediva para jantar à mesa real, o que representava uma subida honraria.

Conforme a etiqueta, os criados serviriam o banquete de joelhos.

O príncipe fêz, então, menção dêsse pormenor, ao que Saint-Maurice retrucou, com simplicidade:

Senhor, eu pensava que os criados se ajoelhavam para pedir perdão a Vossa Alteza do mau jantar que serviam.

SUPERFIXO
Alisa qualquer cabelo
O CAMPEÃO DOS FIXADORES NÃO É GOMOSO
SEIVA DE MUTAMBA
A VIDA DOS CABELOS
O MAIOR PRODUTO DE TODOS OS TEMPOS PARA PRESERVAR O VIGOR E A BELEZA DOS CABELOS
PETRÓLEO - ÓLEO - BRILHANTINA.
FINAMENTE PERFUMADO E DE APLICAÇÃO AGRADABILISSIMA
LABORATORIO SEIVA DE MUTAMBA - RUA VITOR MEIRELES, 68 — RIO
PELO REEMBOLSO: — (Quantidade mínima) SUPERFIXO — 6 vidros a Cr$ 20,00
PETROLEO SEIVA DE MUTAMBA — 6 vidros a Cr$ 35,00

Gente de saia

— Desculpe, mas são para o senhor ou para sua senhora ?

CLICHE'S

Aceitamos encomendas de clichés:

TRAÇO
FOTOGRAVURA
TRAÇO E FOTOGRAVURA
DOUBLE'S

Entrega rápida
PREÇOS RAZOÁVEIS
RUA FREI CANECA, 383
TELEFONE 32-3721

Noivados

TODOS os dias, ao findar da tarde, era certo e sabido; lá estavam as duas à janela daquele primeiro andar, mãe e filha, ambas vestidas com trajos vistosos, sempre sorridentes, simpáticas, a mirar muito atentas os transeuntes que passavam, a primeira dos seus trinta e tal quase quarenta anos, a segunda de vinte e poucos.

Dizia-se, à bôca pequena, nas redondezas, que ambas pretendiam casar e, então, que utilizavam aquela janela de sacada para "pescar" noivo. Que assim fôsse seria tudo quanto há de mais natural, visto que tanto uma quanto a outra eram independentes e sem compromisso...

Foi por acaso que um senhor bem posto, de figura simpática, quarenta e poucos anos ainda vigorosos, vinha saindo do prédio fronteiro ao chalé que as senhoras habitavam.

O cavalheiro olhou com interesse a janela, tornou a olhar, esboçou um sorriso amável e, embora nem a mãe nem a filha tivessem voltado o rosto, não foi correspondido.

Nas tardes seguintes continuou a dirigir-lhes compreensivos olhares, mas ambas se mantinham renitentes quanto a corresponder aos cumprimentos.

Aconteceu, porém, que, algum tempo depois, tendo o cavalheiro alugado um automóvel, para dar pela cidade umas voltas que a sua profissão de "vendedor" exigia, passou casualmente na rua onde moravam as senhoras e, como de costume, dirigiu olhares para a varanda.

O carro fêz o milagre que êle só não conseguira ! A breve trecho, quando saiu do prédio em frente, trocavam-se da janela para a rua e vice-versa sorrisos sem reserva e cumprimentos, tudo começando então a encaminhar-se verdadeiramente favorável ao auspicioso idílio...

Até que, numa determinada tarde, quando êle passou, ocorreu algo que o deixou um tanto intrigado: E' que nesse dia apenas a mãe amável estava à janela. Sorridente, como de costume, mas só...

Êle relanceou o olhar, depois cumprimentou com delicadeza, e seguiu rua acima, alarmado, a pensar se teria ela julgado que era em especial à sua pessoa que os galanteios se destinavam.

Ia ainda a formular hipóteses neste sentido quando, ao dobrar a esquina da rua, eis que a dúvida se desfaz como por encanto: Junto dum poste de parada, com ar despreocupado de quem aguarda condução, encontrava-se a jovem que momentos antes faltava na janela.

O cavalheiro parou a poucos metros; trocaram o habitual sorriso; depois um cumprimento breve;

Modernos

e então, em modos delicados, dirigiu-se-lhe finalmente.

◆

Não nos seria fácil precisar que lhe disse êle depois. Sabemos, no entanto, que foi eloqüente, fogoso mesmo. Conversaram passeando por avenidas e ruas, primeiro a distância cerimoniosa, mas depois mais perto um do outro, sempre com encanto.

E de tal modo o pretendente soube conduzir-se perante a interessante jovem, que no domingo que se seguiu ao dia daquele encontro, mãe e filha quiseram obsequiá-lo, oferecendo-lhe um lanche na sua própria residência.

Ali se apresentou à hora combinada, todo chique, modos já familiares. Uma vez sentados em volta da bem ornamentada mesa, animada conversação foi encetada entre as gentis senhoras e o cavalheiro, tudo na melhor ordem.

Fizeram-se projetos para o futuro; citaram-se, em frases altissonantes, os excelentes dotes morais da jovem; falou-se dos gostos de cada um, e, em dado momento, a propósito de viagens e passeios, a amável senhora disse:

— Calcule que eu e minha filha andamos, desde há muito tempo, com desejo enorme de visitar Friburgo e ainda ninguém nos proporcionou êsse passeio! Desculpe-me a sem-cerimônia: logo que tenha seu automóvel disponivel um domingo, quero pedir-lhe para nos levar lá!

O cavalheiro relanceou um olhar vago pelas senhoras, hesitou um instante e, finalmente, esclareceu:

— —Mas, minhas senhoras, eu não tenho automóvel! Nunca tive! Os ganhos não me deram ainda para tanto!...

— O quê? Não tem automóvel? — Perguntou a filha.

— Mas isso é verdade? Não tem carro? — Acrescentou a mãe.

Disseram isto e, como por encanto, as expressões das duas gentis senhoras turvaram-se duma forma assustadora. Num momento, aquelas amáveis criaturas deixaram de ser elas próprias. Tomavam agora atitudes de quem pretende livrar-se dum "chato", passando a falar de modo sêco, sem graça, deveras incomodativo.

Êle, embora percebendo a modificação brusca, não quis dar-se por entendido e, quando melhor as coisas se proporcionaram, disse:

— E' pena que êste prédio que habitam tenha sòmente rés-do-chão e primeiro andar, estando situado em local tão esplêndido para boas rendas!

E voltando-se para a jovem, acrescentou:

— Se não surgirem contratempos, de modo a que possamos em breve unir nossos destinos, como espero, uma das primeiras coisas em que pensaremos é em acrescer dois andares a esta casa, sim? Darão ótimo rendimento!

A jovem escutou-o arregalando muito os lindos olhinhos e, um instante depois, retorquiu de modo assaz embaraçado:

— Mas... a casa não é nossa; nós pagamos aluguel por esta habitação!

Êle ripostou, forçando espanto propositado:

— O quê, a sua mamãe não é dona do prédio? Pois tinham-me garantido que era propriedade dela! Afirma-se cada coisa!...

Disse isto, relanceou um olhar pelas senhoras e, erguendo-se da cadeira para retirar-se finalizou:

— Que curiosa coincidência: Acabarem as senhoras de perder um automóvel... e, um instante depois, perder eu um prédio! E' espantoso!

Levantou-se e foi saindo...

ZIG

PASSADOS os seis meses, durante os quais os bons costumes a haviam aconselhado a andar de luto pesado pelo marido, D. Josefa começou a aparecer na praia de Copacabana com o seu cãozinho.

Antigamente luto de viuva durava um ano pesado e um ano aliviado. Hoje isso está muito reduzido. Há muito tempo se diz que "les morts vont vite". Quando êles iam em côche de tração animal, era "à petite vitesse"; hoje, de côche-automóvel, é "à grande vitesse" que correm para o outro mundo. Seria, aliás, justo, exigir luto tão longo de uma viuva ainda frescalhona, dessas que lembram a velha quadrinha:

Sucedeu isso em Sevilha
No ano cinqüenta e seis,
Em que os olhos das viuvas
Aos amantes davam leis.

Seria justo?

D. Josefa, que gostava mais de ser chamada Madame Gomes, começou a aparecer na praia, não para o banho, mas à tarde, para o passeio no cais, cognominado, em inglês muito duvidoso, de "footing". Levava sempre à trela seu Zig, o microscópico cãozinho que lhe fôra dado pelo marido e ao qual puzeram o nome de Zig, por ser pequeno demais para chamar-se Zig-Zag, em alusão à sua maneira de andar. O animalzinho chamava a atenção de todos na praia, por seu diminuto tamanho. Dificilmente qualquer gato o tomaria a sério como cachorro. Parava gente para vê-lo e acariciá-lo, o que muito envaidecia D. Josefa e a levava a dispensar seus cuidados pessoais ao Zig, cujo pêlo lustroso e macio denotava hábitos de rigorosa higiene. E tôdas as tardes surgiam os dois na praia, ela gorducha, baixota, ainda bonita, a despeito de um duplo queixo incipiente, com a pele clara bem tratada e muito cuidado o cabelo, onde ainda raros fios prateados apareciam; êle, Zig, pretinho, esguio, vivíssimo, trazendo sempre eticada a fina correia que o prendia ao punho de sua senhora.

Certa tarde caminhavam em sentido contrário a D. Josefa dois inglêses altos e robustos, junto aos quais ela parecia uma trouxinha de roupa perto de duas palmeiras. Um dêles, quando deu com o cãozinho, estacou, sendo logo imitado pelo amigo. Não tiraram o chapéu porque no momento não o traziam, mas o primeiro inglês, fazendo uma mesura respeitosa, dirigiu-se a D. Josefa:

— Perdão, minha senhora. Permite que veja um pouco o seu cãozinho?

—Pois não, cavalheiro, respondeu ela, pondo logo em evidência, por instinto, o dedo onde brilhavam duas alianças.

— Extraordinário! Exclamou o inglês. Exatamente igual ao que eu tinha e morreu há dois meses.

— Ah! O senhor também tinha um assim?

— Exatamente, minha senhora; e não imagina o grande sentimento que tive quando perdi o meu cãozinho. Queira desculpar, senhora, a minha liberdade, mas porventura lhe seria penoso vender-me o seu cãozinho? Eu não olharia ao preço.

— Oh! De modo nenhum. E' um animal de muita estimação.

— Sinto muito, minha senhora, e peço desculpar minha importunação.

D. Josefa esboçou um sorriso de indulgência e seguiu com o Zig, já impaciente.

Dias depois, tendo-a evidentemente seguido para lhe conhecer a residência, o inglês apresentou-se em casa de D. Josefa e, com a maior naturalidade dêste mundo, foi direito ao fim da visita.

Minha senhora, eu sou empregado no Australian and Tasmanian Bank Limited. Sou solteiro; tenho quarenta e dois anos; ganho de trinta a querenta mil cruzeiros por mês... Quer casar-se comigo? Aqui tem o meu cartão. Pode colher informações. Virei procurar sua resposta dentro de duas semanas. Queira perdoar minha liberdade, mas espero que não encontrará motivo para recusa.

D. Josefa ficou estarrecida. Maquinalmente tomou o cartão e acompanhou até à porta o inglês, que se levantara logo após haver acabado de falar. A calma, porém, voltou-lhe aos poucos e, tendo meditado sôbre o caso, resolveu tomar informações sôbre o pretendente. Não lhe passou pela mente que o condomínio do Zig pudesse ter conduzido o inglês àquele grave passo.

As informações foram excelentes, o "sim" foi proferido e em curtíssimo prazo o casamento estava realizado. Desde o primeiro dia da lua de mel o inglês se mostrou encantado... com o Zig. Mas ai! Passados não eram seis meses quando, uma noite, ao er-

SENUN Esterilizante
A MELHOR VELA
O MELHOR FILTRO

guer-se da poltrona onde cachimbava, o inglês sentiu que esborrachara com o pé direito uma coisa mole que deixou escapar um grito lancinante, seguido de outro, igual, de D. Josefa. O pobre Zig estava morto!

Alguns dias tristonhos se seguiram até que uma manhã, antes de sair para o banco, o inglês perguntou calmamente a D. Josefa se estaria disposta a requerer, juntamente com êle, marido, o desquite. Não era mais possível viver em comum sem o Zig. D. Josefa, porém, sem pestanejar, respondeu vivamente:

— Uma ova! Vou arranjar, sem demora, outro Zig...

✧

ANATOMIA ESTÉTICA

A cabeça é ornamento de luxo. Na vida, quanto maior a cabeça maior o número de cabeçadas que seu dono dá. As mulheres fazem mais fé numa cabeça de alfinete do que na cabeça dos homens: pelo menos o alfinete se lhes prega às saias, enquanto os homens nem sempre...

: ✧ :

Os olhos são as "janelas da alma". Os míopes distinguem-se dos outros por trazerem essas janelas sempre meio fechadas, como se fôsse para não ver as tolices que os outros fazem...

: ✧ :

Dizem que o amor entra pelos olhos. É tolice: pelos olhos entram as conjuntivites e saem, às vêzes, as lombrigas.

: ✧ :

A bôca é uma cova de Caco. É o lugar onde se aninham os beijos, as mentiras e os micróbios e por onde saem as "cobras e os lagartos" que dizemos de nossos amigos.

: ✧ :

O tórax é o fole do corpo humano. Nele se geram os suspiros, que se dividem em duas grandes classes: os de aspirações ambiciosas e os de inspirações estéticas. Afinal de contas, o suspiro é um fenômeno puramente respiratório que nada tem a ver com a alma dos homens ou a das mulheres...

: ✧ :

A caixa abdominal, essa, é o guarda-comidas do organismo. Em algumas pessoas êsse móvel toma proporções desmedidas, adquirindo forma esférica ou semi-esférica. Os gordos são indivíduos de instintos monopolizadores: guardam, no ventre, o material com que se poderia alimentar uma cidade inteira.

: ✧ :

As pernas são as rodas do avião humano. É com elas que muita gente "vai longe" na vida. Quando não, diz-se que "não vai lá das pernas".

: ✧ :

Os braços são uma espécie de antenas radio-telegráficas: apanham as coisas no ar, são o veículo dos pêsames e dos cumprimentos, servem para prender entre si os namorados, e ainda descarregam, quando necessário, os choques elétricos dos murros.

: ✧ :

O cotovelo é o órgão de que se utilizam as espôsas para chamar, diante de estranhos, a lerda atenção de seus maridos.

: ✧ :

A parte menos digna e elevada do corpo humano são os pés. É uma região montanhosa (vide "calos"), pouco limpa e de aspeto geral antipático. Os pés e a escova de dentes não devem ser trazidos em público. Muito amor tem naufragado nos escolhos de um pé de que os sapatos encobriam as montanhas e as anfratuosidades.

: ✧ :

Os dedos são reminiscências das garras dos animais ferozes. Entre a mão de um gato e a de uma mulher a única diferença está em que os gatos não usam esmalte nas unhas...

: ✧ :

O tornozelo é o para-choques natural do veículo humano. Foi feito para sofrer — como certos apóstolos da ciência ou da religião. Os mártires são os tornozelos da humanidade...

B. N.

POMADA MINANCORA
NUNCA EXISTIU IGUAL
PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

GLOSAS

O livro de Agripino Grieco *Zeros à esquerda* é um cáustico impiedoso aplicado, como indica o título, às nossas ovantes e bem jantadas nulidades das letras, das artes, das ciências e da política. Nele se dá largas todo o virtuosismo satírico dêsse terrível contendor de medalhões.

Há momentos, porém, em que o riso demolidor de Grieco cessa e o que se vê em seu lugar é o libelo severo, vingador, que silva no ar como uma vergasta tremenda. Assim é quando êle escreve o capítulo "Contra os homens de rapina", uma catilinária nos sujeitos que, neste país despoliciado, conjugam em todos os tempos e modos o verbo *rápio*.

"Robespierre, começa Agrippino, podem chamá-lo de corta-cabeças, de fera sanguissedenta, de plantador de cadafalsos, mas não podem negar-lhe o fanático amor à igualdade civil e o horror congênito, visceral, a qualquer espécie de ladroeira. E neste momento de pleno regime do furto, devemos é requisitar um êmulo seu para o Brasil, com meia dúzia de guilhotinas."

A idéia de Grieco é, como se vê, excelente. Achamos apenas que o autor se enganou quanto à capacidade de produção dos maravilhosos instrumentos. Meia dúzia de guilhotinas... Só?

E' pouco. Segundo cálculo meticuloso a que nos entregámos, com lápis e papel, depois de considerarmos o número fabuloso de gatunos que nos furtam no pão, na carne, em tôdas as utilidades, até... no câmbio, não teríamos divisas para importar as guilhotinas necessárias à *limpeza*. E se recorrêssemos à indústria nacional, uma dúzia, talvez duas de metalúrgicas do porte de Volta Redonda ainda não seriam capazes de satisfazer nossas necessidades no particular.

E depois era preciso contar com o embotamento da lâmina de aço pelo excesso de trabalho e porque os pescoços dos pacientes devem ser duros como pedra. Duros como suas almas.

◆

Ignoro se o tradutor das legendas das histórias em quadrinhos *O correio de Lyon*, que está saindo no Diário de Notícias, é o mesmo que verteu as do *Processo Dreyfus*. Se é, são *arcades ambo*. Se não é, tudo está explicado. Encontro agora um *sotaque provincial* que a gente não sabe o que seja, mas entende logo se traduzir aquêle *provincial* por *provençal*. O dono do sotaque era do Sul da França...

Breno

DO REPERTÓRIO MATRIMONIAL:

— Você conheceu a Leontina, aquela que abusava escandalosamente do baton?

— Conheci.

— Pois agora, coitada, dizem que é o marido quem abusa, mas do bastão.

Duplo aperto

Lott — Estou preocupado com a falta do **Estado** de Sítio!

Alkimin — E eu com o **Estado** da **Fazenda**...

O NADADOR

A parolice e a indiscreção dos barbeiros já passou, há muito tempo, ao rol das coisas clássicas. Há, entretanto, nem podia deixar de haver, grande diferença entre os barbeiros das grandes cidades e o figaro provinciano. A provincia é muito mais fértil em mexericos, tanto que...

Sia Miquelina já não mora na cidade:
Mora na roça p'ra sabê das novidade.

Tôda gente sabia, na pequena cidade de... (é de praxe ocultar o nome) que o sr. Carmelindo, negociante local, estava na situação daquelas personagens de Molière cuja fronte trazia símbolos indiscretos.

Certa vez houve grande escândalo, não com êle, porém com um irmão da mesma confraria: um caso medonho de flagrante delito, com espancamento da mulher e do intruso pelo cônjuge infeliz.

O delicioso pratinho alimentou tôda a população da cidade durante longos dias. As barbearias, está claro, eram os pontos de mais acalorada discussão.

Num dêsses dias, o sr. Carmelindo entrou no seu barbeiro. Entre oficiais e fregueses a conversação girava em tôrno do tema predileto.

— A culpa dêsses fatos, disse êle alto, para que todos ouvissem bem, a culpa dêsses fatos é exclusivamente dos maridos.

Os circunstantes entreolharam-se e houve um momento de silêncio.

—Dos maridos, sim, meus senhores, repetiu com mais fôrça *seu* Carmelindo. Contra êles é que as autoridades deviam usar de violência, para acabar de vez com êsses escândalos.

Nova pausa.

—Os senhores querem saber o que é que eu faria, se fôsse autoridade? Pegava tudo quanto fôsse marido enganado, metia-os numa embarcação e mandava abandoná-los em alto mar, sem govêrno.

O oficial que barbeava "seu" Carmelindo, assim como as outras pessoas, não acharam que replicar. Passados alguns momentos foi, ainda assim, o oficial que, suspendendo um instante a operação de barbearia, perguntou:

— *Seu* Carmelindo, o senhor sabe nadar?

A ESCOLHA DOS AMIGOS

Durante muitos anos escolhi meus amigos e camaradas ao azar dos encontros e das apresentações.

Confesso que fui medíocremente feliz e de dez ou vinte cavalheiros ou damas arranjados por essa forma, nove ou dezoito eram contra os meus interesses e os restantes defendiam os seus negócios através da minha pálida afetuosidade.

Para ser justo devo incluir no número dos amigos de então minha finada espôsa, a qual sendo um modêlo e muito superior a mim e a tôdas as outras dêste mundo, morreu.

Morreu, ela em pessoa, mas não pelos seus antecedentes e conseqüentes, visto como, tendo feito excelente negócio em se me amaridar, findou se deixando-me a sogra, dois filhos gêmeos de nove meses e quatro cunhados.

Ah! A familia!

Mas, que diabo! A tralha sempre me serviu para alguma coisa; serviu-me para a escolha dos amigos.

No gênero feminino, minha sogra; e no gênero masculino, meu cunhado Alberto são os dois padrões, **Standards,** que eu emprego para julgar os homens e as mulheers e escolhe-los para a minha amizade.

Mulher que fôr da estima e da amizade da sogra, já sabe, não vai comigo: é intrigante, faladora, estúpida, chorona e católica.

Homem que freqüente a roda do cunhado Alberto também já sabe, é impontual, conquistador, governista, transarão ou esportista.

Se eu quero escolher um amigo bom, generoso, afável, cortez, valente, justo e honrado basta saber de quem o meu cunhado fala mal ou é inimigo. A êste eu procuro ansiosamente e não falha nunca. O mesmo com as mulheres inimigas da sogra.

Assim, quem quiser saber neste mundo quem é meu amigo, basta indagar se é inimigo do Alberto ou da sogra: não falha!

Uma conquista carnavalesca

HA' muita gente que poderia dizer do Carnaval o que outros dizem da República:

— Êste não é o Carnaval dos meus sonhos !

Numa excursão pela Avenida, especialmente fora do ponto de concentração dos foliões, é muito comum encontrarem-se famílias: marido, mulher e filhos, que tentam divertir-se honestamente. São casais burgueses, com prole ainda tenra. Vão para a frente da casa comercial de um conhecido, que fornece cadeiras para todos.

A mulher olha para tudo com um pouco de saudade temperada de pessimismo. As crianças catam na calçada confete e destroços de serpentinas, com que entrelaçam as cadeiras. O marido abana-se com o chapéu ou com um jornal, boceja de vez em quando e consulta o relógio.

Era êsse o quadro clássico que oferecia a família do Machado, Vilela e Comp., na têrça-feira do Carnaval passado. Tinham saído cedo de casa, para evitar dificuldades de condução, principalmente por causa das crianças

Esperava-se a passagem dos poucos préstitos.

Como, a julgar pelo programa publicado nos jornais, o clangor dos clarins ainda devesse demorar uma hora, Machado disse à espôsa que ia esticar um pouco as pernas pela Avenida acima.

— Mas não vá muito longe. Depois as crianças começam a querer coisas e você não está aqui para ajudar.

Havia o Machado percorrido uma quadra quando lhe vieram ao encontro dois dominós endiabrados, que já de longe lhe vinham fazendo fosquinhas e atirando dichotes.

— Então que é isso, seu Machado ? O senhor sòzinho por aqui ? E a família ? Ficou em casa mofando, hein, seu pirata ?

Pareciam duas mulheres.

Machado não quis dar confiança. Apenas indicou com o polegar a direção em que ficara a família.

O dominó mais sapeca embargou-lhe o passo.

— Seu Machado, sabe que eu há muito tempo simpatizo com o senhor ?

— Mas eu não sei quem você é.

— E gostava de saber ?

Depois de hesitar um momento, Machado respondeu:

— Sim, não seria mau.

— Mas isso só em lugar muito reservado e com uma condição.

E quando pode ser isso ?

— Já.

— Oh ! Com os diabos ! Assim tão depressa...

— Desde que o senhor aceite a condição...

— Qual é ela ?

— A condição é o senhor aumentar quinhentos cruzeiros no ordenado do seu empregado Jovino.

— E que tem você com o Jovino ? Se está em relações com êle, já não me interessa.

— Juro que não, *seu Ma*chado. Apenas sou amiga da família dêle, que é necessitada.

— E depois ?

— E' só isso. Se o senhor me der, já, aqui, um bilhete para o caixa da casa, que o Jovino entregará a êle, está tudo feito. Vou já com o senhor a um lugar próprio, aqui pertinho.

— Mas é que eu estou alí assim, com a família. E o polegar do Machado indicou de novo a direção.

— Não há nada. Será tudo rápido. O senhor depois dirá que encontrou um amigo etc. etc. Vamos, *seu* Machado, o bilhete.

O homem estava intrigado e enfeitiçado pelo dominó. O Jovino era bom empregado e merecia os quinhentos cruzeiros. O bilhete foi concedido.

Enquanto Machado o escrevia, o dominó comparsa, após um cochicho do outro, partiu na direção da praça Mauá, a largas passadas.

Quando o honrado negociante supunha que ia desvendar o agradável mistério, sentiu que mão nervosa lhe agarrava o braço. Era a espôsa, que acudira a correr, pela denúncia que lhe levara o dominó traidor.

E foi assim que, vestido de dominó e auxiliado por um bom camarada, Jovino, mercê do seu físico efeminado, arranjou aumento de quinhentas pratas.

—◇—

PRUDÊNCIA

Pouco depois da cerimônia de casamento, o grande industrial, pensando em seus afazeres diários, mostrou-se preocupado junto de sua jovem espôsa e ex-secretária.

— Bem, querida ! Creio que agora é preciso que trate de te substituir no escritório...

— Já cuidei disso, meu querido... Escolhi quem me substitua entre conhecimentos antigos...

— Bravos ! E como se chama ela ?

— Jaime.

NO DOMÍNIO DO TURCO

DE regresso do Cairo, onde me abriguei do rigoroso Inverno europeu, resolvi passar dez ou doze dias em Constantinopla. Hospedei-me em um hotel francês.

Ao lançar meu nome no livro dos viajantes, fui surprendido com o registo, nele, de um ilustre homem de letras brasileiro, com quem havia travado relações ainda no Rio de Janeiro. Pedi informações ao proprietário do hotel, "mr." Victor Raymond, e soube, então, que êsse meu amigo ainda se achava em Constantinopla, e que me podia dar mesmo o seu endereço ou mandar-me conduzir à sua morada — pois havia êle fixado residência no país, alugando casa. Aceitei o oferecimento do hoteleiro e, no dia seguinte, depois da oração do meio-dia, saímos de automóvel, eu e um guia do hotel, para realizar essa visita.

A casa ficava para os lados do Corno de Ouro, exatamente no ponto mais remansado do bairro. Apareceu um criado gordo, opilado, de cara asiática, mas falando regularmente o francês. Perguntei-lhe pelo dono da casa. Respondeu-me que estava no harém. Pedi que fôsse avisá-lo da minha presença.

Momentos depois voltava o criado, e eu entrava na casa silenciosa. Ao fim de um corredor, de paredes nuas, havia uma sala, cuja porta eu devia empurrar. Abro-a e estaco, surprêso. O compartimento não tinha um único móvel. Das paredes alvas, caiadas, não pendia um quadro, um "bibelot", um enfeite. Apenas, no chão, um grande tapete da Pérsia, onde se sentavam cinco mulheres novas, que desceram os véus à minha aproximação. Colocadas em semicírculo, rodeavam elas um homem, também sentado, de pernas cruzadas, e que fumava monòtonamente um "narguileh" borbulhante. Ao vê-lo, vestido à oriental, com os seus bigodes grisalhos, o "fez" à cabeça, supus encontrar-me na presença de Maomé V, de quem conhecia o retrato. Mas a minha dúvida durou pouco tempo, porque o "turco", de um salto, se lançou para mim, de baços abertos, bradando:

— Costa!

— Medeiros! — solucei.

As cinco mulheres, mudas, embrulhadas, espiavam nitidamente pelas costuras do véu...

Humberto de Campos

OS GÊNIOS

Um ilustre alienista francês, Moreau de Tours, insiste em afirmar o gênio próximo da loucura, declarando que o gênio é como uma monstruosidade do cérebro — feliz para o indivíduo, porém nefasta para a raça. Jacobry, outro médico de destaque nestas questões, reconhece que o desenvolvimento exagerado de um ascendente traz a nevropatia num descendente e, como conseqüência, a degenerescência e a extinção da raça.

Deixando de parte os degenerados inferiores, conhecidos na medicina por imbecis ou idiotas, que inspiram muita piedade, porém pouco interesse, consideremos os degenerados superiores, cujas taras cerebrais são marcadas por brilhantes qualidades. São mais freqüentemente chamados desequilibrados, porque, de fato, neles se notam certas desarmonias entre as faculdades cerebrais. Têm geralmente muito desenvolvidas a imaginação, a expressão, a invenção. Podem criar nome na literatura e na arte; o que lhes falta é a lógica, a coerência, a capacidade de julgamento, a firmeza de vontade: são variáveis, instáveis, irresolutos, e êstes defeitos prejudicam suas brilhantes qualidades. Suas obras têm, geralmente, qualquer coisa de incompletas.

Choram fàcilmente ou são atacados de violentos acessos de desespêro; muitas vêzes manifestam pouca sensibilidade e seus sentimentos afetivos são fracos ou pervertidos, deixando de estimar a quem deveriam, para darem-se de amores aos que lhes não merecem a afeição.

Essas taras do coração e ausência de freio moral resultam da deformação do cérebro, herdada de antepassados alcoólicos, nevróticos, loucos mesmo.

E pouco importa a qualidade da tara dos ancestrais, pois êstes legam aos descendentes não exatamente as taras que possuem, mas outras, em geral mais fortemente acentuadas.

—x—

SIR ROBERT APRESENTA UMA SOLUÇÃO...

Sir Robert Boothley, que foi durante cinco anos, em Strasburbo, representante da Grã-Bretanha no Conselho da Europa, acaba de lançar, por intermédio do *Daily Telegraph* uma proposta que, se fôsse posta em prática, apressaria a realização do movimento em que está empenhada a maioria das nações do velho Mundo.

Diz Sir Robert em sua mensagem: "O meio mais seguro e mais rápido para constituir uma Europa viável e válida é convidar a Bélgica, a Grécia, a Holanda, a Suécia e a Noruega a entrar oficialmente na *Comunidade* britânica. Esta simples decisão seria bem mais eficaz do que seis anos de discussão em Strasburgo. Não se deve esquecer, a propósito, que os soberanos e soberanas dos cinco Estados mencionados já estão vinculados à Inglaterra pelo sangue, pois todos têm um ancestral comum, que é a princesa Sofia de Hanover."

• ◇ •

10-3-1956

Abacaxis

Bias — O Salgado, ao sair, deixou-me um lote de nomeações...

J.K. — Comigo foi muito pior. O Nereu deixou-me a nomeação do **Lott**...

Duas Caronas

A VERDADE é que, por mais que o Saraiva usasse e abusasse da elasticidade do seu orçamento de terceiro-oficial de uma secretaria — o dinheiro não lhe chegava para ir a teatros.

Nos seus bons tempos de solteiro, resolvia a questão com as "claques". Sempre que queria ir ao teatro, dirigia-se a uma dessas esquinas da cidade onde os "claqueiros" habitam ao anoitecer, e, com a maior facilidade, conseguia uma penetração num dos templos de Talma, abertos à devoção dos cada vez menos numerosos fiéis.

Depois de casado, porém, foi o diabo... Se ia sòzinho ao teatro, a mulher em casa fazia-lhe cenas... Levar a senhora para uma "claque" ficava mal. Comprar bilhetes — nem falar nisso! E assim se explica como, com tôda a decência, o Saraiva se fêz penetra de 18 quilates. Um penetra profissional. Era capaz de tudo, até de gastar muito dinheiro, para ir ao teatro de carona...

Uma das suas principais vítimas era o Saavedra. Saraiva e Saavedra eram companheiros de velha data. Andaram juntos na infância, na escola e na paródia. Depois, a vida separou-os. Chegados a meio do curso ginasial reconheceram ambos que não tinham habilidade para coisa nenhuma na vida. E eis a razão por que um foi ser funcionário público e o outro jornalista. E ainda bem, porque o fato de Saavedra ser dos jornais, tirou o Saraiva de dificuldades no capítulo "levar minha senhora ao teatro". Volta e meia Saraiva telefonava ao amigo:

— Sabes, a Eugênia tem muita vontade de ver a peça do Carlos Gomes. Eu não te queria incomodar, mas se tu me arranjasses dois bilhetes aí do jornal...

E assim nasceu um hábito que começou a aborrecer o Saavedra, cuja única vantagem que tirava daquelas constantes maçadas era de vez em quando ir jantar em casa do outro.

Havia já muito tempo que Saraiva telefonava diàriamente ao amigo, a fim de lhe pedir bilhetes para determinada peça em cena. O outro dizia-lhe sempre que sim, — e nada!

Até que um dia, quando Saraiva, saindo da Repartição, subia como de costume a rua do Ouvidor, encontrou Saavedra.

O outro pareceu aborrecido com o encontro, mas recompôs-se imediatamente. E, desenhando um sorriso forçado, exclamou:

— Ainda bem que te encontro, filho, ainda bem! Já era tarde para ir à tua Repartição e nem mesmo à tua casa. Tenho aqui os bilhetes! Toma, são duas platéias...

— Obrigadinho! A Eugênia vai ficar radiante! Adeus, que se faz tarde!

E, mais contente do que um rato, Saraiva tomou um bonde para casa (primeira despesa imprevista, porque êle costumava ir a pé). Já depois de entrar na rua em que habitava, pensou em que tinha os sapatos muito sujos e foi ao engraxate (segunda despesa imprevista, porque êle só engraxava duas vêzes por semana), e entrou em casa a gritar:

— Eugênia! O' Eugênia!

A mulher, que estava na cozinha, deixou tudo e correu à porta:

— Que é? — Perguntou, assustadíssima — Que te aconteceu?

— Tenho bilhetes para o teatro! Avia-te que são para a 1.ª sessão!

— Mas que disparate! Até me assustei! Ai que tenho o pastelão no fogo! Já me cheira a queimado!

E D. Eugênia correu à cozinha. Da chaminé saía uma fumarada densa. Indiscutivelmente — o pastelão estava inutilizado! (terceira despesa imprevista).

para o Teatro...

— Vês ? Por tua causa queimei o pastelão de bacalhau !

— O' filha, não te zangues por isso ! Fazes outra coisa qualquer e pronto ! Mas avia-te !

— As coissa fazem-se com tempo, não é assim ! Que queres tu que eu faça assim de repente ?

— Olha, faz uns ovos !

— Bem sabes que me irritam o fígado !

— Bem ! — concluiu Saraiva, conciliador — Eu vou ali num instante à leiteria comprar cento e vinte gramas de fiambre ! (Quarta despesa imprevista).

Daí a meia hora, Saraiva engolia às pressas um caldo frio e sem sabor, um rabinho de pescada frita que ficara do almôço e duas laminazinhas de fiambre, transparentes como mortalhas.

— Veste-te depressa, filha, só temos meia hora! — Ia êle dizendo — Não há café ?

—Aquece-o ai na cafeteira de esmalte ! — Gritou a mulher do quarto.

Foi para a cozinha. Deitou o café na cafeteira e, ao espevitar desastradamente o fogo, teve a impressão de que uma pequena brasa lhe caira da tenaz. Procurou-a e não a encontrou. Deve ter-se apagado, pensou. Agarrou na cafeteira, escaldou um dedo, deitou o café na chicara e foi para a sala de jantar saboreá-lo. Começou a cheirar-lhe a trapo queimado. Mais. Cada vez mais.

Bebido o café, foi ao quarto. A mulher estava sentada na cama com um par de sapatos em cada mão. Sôbre a cadeira, um casaco. Sôbre a cama, três vestidos e quatro pares de meias e dois pares de luvas.

— Vais vestir tudo isso ? — Perguntou Saraiva, assombrado.

— Não comeces com perguntas disparatadas, que me fazes perder tempo.

— Está bem, mas avia-te e não te zangues. Não te cheira a queimado ?

D. Eugênia fungou, levantando as narinas para o ar. Com efeito, cheirava-lhe a queimado... Saraiva notou então que o cheiro vinha mesmo do soalho do quarto. De onde seria ? Do tapete ? Olhou para a dobra das calças. Saía fumo... A maldita brasa tinha-se-lhe metido na dobra das calças, queimando-lhe um pedaço. (Quinta despesa imprevista). Ia para lamentar-se, mas a mulher, entretanto, gritava-lhe:

— Traz-me lá de dentro um bocadinho de linha "beige" para dar um ponto numa malha desta meia.

— Está bem, mas vai-te penteando ! — Disse êle, enquanto corria lá para dentro.

Quando Saraiva voltou com a linha na mão, D. Eugênia, diante do espelho, dizia:

— O cabeleireiro desta vez deu-me cabo do cabelo! Estúpido ! Olhem para esta vergonha ! — E agarrava uma madeixa encaracolada.

O pior é que surgiu outra complicação. Saraiva não encontrava a linha "beige". Em casa não havia linha "beige". Mas D. Eugênia não podia ir com a meia assim, que era uma vergonha. A linha que o marido trazia na mão era verde. Teve que pôr as meias castanhas. Mas as meias castanhas diziam horrivelmente com aquêle vestido. E, naturalmente, foi obrigada a vestir outro. E calçar os outros sapatos.

Enfim, depois de muita balbúrdia, os dois esposos desciam a escada. Saraiva olhou o relógio. 8 e 40.

—Oh diabo ! A 1.ª sessão está a começar. Se não tomarmos um táxi, chegaremos tarde.

Chegados à rua tomaram um táxi. (Sexta despesa imprevista).

Dez minutos depois, o carro vomitava-os à porta do teatro. Uff ! Até que enfim ! Saraiva, muito risonho, dirigiu-se à bilheteira e meteu pelo postigo a requisição que Saavedra lhe dera. O bilheteiro, porém, deitou a cabeça de fora e, olhando-o com espanto, disse-lhe:

— Estes bilhetes são para quarta-feira !

— Mas isso que tem ? — Volveu o Saraiva.

— E' que hoje é quinta !

◇

E aqui está a explicação do fato de, há dias, ter desmaiado um sujeito à porta do Carlos Gomes...

O Empresário

AO descer a escada encardida do sobrado, onde fôra consultar a cartomante, Luciano trazia na alma um sentimento, misto de contentamento e desconfiança.

— O senhor vai ser empresário, dissera-lhe a pitonisa..

— Mas empresário de que ?

— Ah ! Isso não lhe posso dizer. As cartas não podem chegar até êsse detalhe.

— Nem um indício ao menos ?

— Só lhe posso dizer que a emprêsa lhe trará vida ativa. O senhor há-de andar sempre de um lado para outro.

— Pois bem, esperemos !

E por conta da emprêsa que o esperava, mesmo sem saber qual fôsse, Luciano foi generoso na remuneração do trabalho da bruxa.

— Empresário ! Ruminava êle caminhando pela rua distraidamente, esbarrando com os transeuntes. Mas não tenho capital; não sou engenheiro...

Pouco tempo depois da consulta o rapaz arranjou uma namorada rica.

— Bem ! Pensou. A profecia parece que se encaminha para a realização. Deve vir aí o capital. De posse dêle, naturalmente me virá a idéia, não de uma emprêsa, mas de muitas, certamente.

O namôro progrediu até o noivado. No dia do pedido, o futuro sogro declarou que impunha a condição de separação de bens. O jovem casal teria rendimentos, mas o capital ficava intangível.

Diabo ! Pensou Luciano. Emprêsa sem capital é impossível. Só se os rendimentos forem tão gordos que dêem para fundo de reserva.

Mas não eram.

Luciano foi morar com o sogro, por exigência dêste, que só tinha a filha e um filho. O rendimento, adicionado ao emprêgo do genro, emprêgo subalterno em um banco, dava para vestuário e divertimentos. Madame Luciano gostava imenso de divertir-se e não parecia convencida de que o novo estado devesse priva-la de qualquer dêles, embora tenham por objetivo principal a caça ao marido e ela, nesse particular, já fôsse vitoriosa. O casalzinho vivia em perpétua corrida dos chás para os cinemas, dos cinemas para as corridas, das corridas para os bailes.

Quanto à emprêsa, nada !

Eram decorrido muitos meses de vãs espetativas, salvo a de ser pai, que já tinha os caraterísticos de certeza, quando o rapaz tomou a deliberação de procurar de novo a cartomante, menos com o intuito de colhêr dela qualquer coisa de útil do que com a intenção de rir-lhe na cara, pela profecia falhada.

No vestíbulo teve de aguadar a saida de uma cliente..

— Lembra-se de mim ? Perguntou à bruxa, fitando-a bem.

— Não me recordo, queira desculpar-me. Mas eu atendo a tantas pessoas...

— Pois eu venho comunicar-lhe que a sua predição falhou.

— Acho difícil, replicou ela, num tom entre irônico e convencido. Que lhe predisse eu ?

— Que eu ia ser empresário, e é coisa de que não tenho a menor esperança.

A mulher deitou as cartas.

— Posso afimar-lhe que não me enganei. O senhor até já é empresário, e ativo.

— Oh ! Oh ! Oh !

— Não se ria, cavalheiro. Diga-me uma coisa: o senhor não anda constantemente em atividade, de um lado para outro ?

— Sim, senhora, mas acompanhando minha mulher a divertimentos.

— Perfeitamente ! O senhor é o empresário da sua espôsa. Os boxeadores e os cantores não têm empresários que os exibem ao público ?

Pois o senhor tem sua mulher...

HIERARQUIA

VISÕES QUE PREOCUPAM OS MARIDOS

Muito preocupado, o Dr. Raffa confiou a seu amigo Celestino:

— Creio que o frio afeta singularmente a visão da minha atual pequena...

— Ela sofre dos olhos ?

— Não... Mas passou a ver, há já alguns dias, aparições esquisitas...

— Crês que é do frio ?

— Sim... Ela vê por tôda parte capas de peles de chinchila.

OSNY SILVA

"a maior revelação vocal do ano"

SOB êste título estreou, ao microfone da Rádio Mundial, com muito sucesso, um dos ídolos do público de S. Paulo, o cantor Osny Silva. E foi sem favor, uma das melhores estréias no "broadcasting" carioca, nos últimos tempos.

Embora Osny Silva cante em rádio há mais de 20 anos, teve, durante êsse tempo, vários intervalos em que se afastou dos microfones, vivendo nessas ocasiões uma vida muito movimentada — repleta de fatos pitorescos e também de muitas aventuras — tendo sido garimpeiro e negociante no interior de Mato Grosso e artista de circo e jogador de futebol, em várias cidades do Estado de S. Paulo.

Acaba êle de voltar de uma excursão que abrangeu quase toda a América Latina — visitando o Uruguai, Argentina, Chile, Perú, Equador, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Panamá e Cuba — países onde a sua arte foi muito aplaudida e onde teve ocasião de difundir a música popular e folclórica do Brasil.

Osny Silva recebeu vários prêmios "Roquette Pinto" como cantor de músicas internacionais — tendo gravado (em inglês, francês, espanhol, italiano e em português), entre outros sucessos, os seguintes: "Shane", "Jura-me", "Catarí", "Banzo", "Violino Cigano", "Violetas Imperiais", "Lady of Spain", "Funeral de um Rei Nagô", "Risque" etc..

Os recitais de Osny Silva ao microfone da Rádio Mundial, uma emissora carioca da Organização Victor Costa, (às têrças-feiras, 21 horas), constituem uma gentileza da ÓTICA PRINCIPAL — "a principal casa de ótica da cidade", situada à Rua Buenos Aires, 208.

Osny interpreta, ao microfone da Mundial, um dos seus sucessos.

Osny Silva entre amigos — Moacyr Paulo, Schneider, Lucena, Eugênio Lyra Filho, Borelli Filho e Isaac Zunkenman.

CONTRA

TOSSE
GRIPE
RESFRIADO
BRONQUITE
ASMÁTICA
IRRITAÇÕES DA LARINGE

XAROPE DE AGRIÃO COMPOSTO

PAUL J. CHRISTOPH CO. Caixa Postal 687 – Rio de Janeiro